



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

JOSÉ CARLOS SOARES DE ALMEIDA

**REFLEXOS SUBJETIVOS E AS TÊNUES FRONTEIRAS DO  
“EU”: AUTOFICÇÃO E ESCRIVIVÊNCIA COMO  
MOVIMENTOS DE RECONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE  
NEGRA EM “O AVESSO DA PELE”**

João Pessoa

2024

JOSÉ CARLOS SOARES DE ALMEIDA

**REFLEXOS SUBJETIVOS E AS TÊNUES FRONTEIRAS DO  
“EU”: AUTOFICÇÃO E ESCREVIVÊNCIA COMO  
MOVIMENTOS DE RECONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE  
NEGRA EM “O AVESSO DA PELE”**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Letras-Português da Universidade  
Federal da Paraíba como requisito  
complementar para obtenção do título de  
Licenciatura em Língua Portuguesa, sob  
orientação da professora Dra. Amanda  
Ramalho de Freitas Brito.

João Pessoa  
2024

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

A447r Almeida, Jose Carlos Soares de.

Reflexos subjetivos e as tênues fronteiras do "Eu":  
Autoficção e Escrivência como movimentos de  
reconstrução da masculinidade negra em "O Averso da  
Pele" / Jose Carlos Soares de Almeida. - João Pessoa,  
2024.

54 f.

Orientador: Amanda Ramalho de Freitas Brito.  
TCC (Graduação) - Universidade Federal da  
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

1. Literatura Negra. 2. Masculinidade. 3.  
Autoficção. I. Brito, Amanda Ramalho de Freitas. II.  
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-31

JOSÉ CARLOS SOARES DE ALMEIDA

**REFLEXOS SUBJETIVOS E AS TÊNUES FRONTEIRAS DO  
“EU”: AUTOFIÇÃO E ESCRIVIVÊNCIA COMO  
MOVIMENTOS DE RECONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE  
NEGRA EM “O AVESSO DA PELE”**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Letras-Português da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Assinatura: \_\_\_\_\_  
Prof.  
(Orientador)

Assinatura: \_\_\_\_\_  
Prof.

Assinatura: \_\_\_\_\_  
Prof.

João Pessoa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a minha amada avó Luzia Targino de Almeida, que, ao ler para mim quando pequeno, despertou-me para a literatura. Deixo aqui expressa toda a minha gratidão à senhora, pois nada disso seria possível sem o seu amor, afeto e apoio.

À minha mãe, Linda Soares de Barros, por me lembrar, constantemente, da importância dos estudos e do conhecimento e também por sempre dar o seu melhor para me fazer sorrir. Ao meu pai, José de Almeida Júnior, por me apoiar, à sua própria maneira e por se esforçar em ser um pai melhor a cada dia.

Minha profunda gratidão a Miles Vargas Emmel, que, além de amor, companheirismo e apoio, ofereceu sua presença nos meus momentos mais frágeis e inseguros. Obrigado.

Agradeço também aos meus professores do Ensino Médio, que possuem um lugar especial em minhas memórias da escola. A José Carlos Ribeiro, por ter sempre me incentivado a ler e por ter me aconselhado a escolher o curso de Letras. À Mayra Tomaz e Rafaela Ribeiro, excelentes professoras que me deram a oportunidade de me aproximar da literatura quando a vida escolar parecia caótica. À Kássia de Paula, por organizar os melhores saraus escolares, nos quais eu pude me expressar através da leitura e da escrita. Por fim, mas não menos importante, meus sinceros agradecimentos à Maria Oneide, uma de minhas primeiras professoras na infância, e com certeza uma que ficou na memória.

Agradeço imensamente aos queridos amigos que conheci durante a graduação. À Ana Maria Silva de Andrade, pela amizade e cumplicidade dentro e fora dos corredores da Universidade. À Layane Ferreira da Silva, por ser uma pessoa incrível e sempre compartilhar sua alegria comigo. À Luana Luiza da Silva Santos, por ser, além de uma grande amiga, um exemplo para mim. A Athirson Carvalho, pelas risadas e bobagens compartilhadas em nossas conversas. Meus agradecimentos, por fim, à Karol Kimbelly Pereira Batista, por ser uma amiga divertida, atenciosa e amável e também por apreciar as minhas maluquices.

Agradeço imensamente à minha orientadora Profa. Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito, por sua orientação sensível, amiga e, sobretudo, humana. Foi uma honra ter sua ajuda na realização deste trabalho. Para finalizar, agradeço à própria literatura, por seu poder de nos virar do avesso.

“Gosto de escrever palavras inteiras, cortadas, compostas, frases, não frases. Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio dependuradas no varal da linha. Palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida.”

Conceição Evaristo  
*Olhos D'água*

## RESUMO

O presente trabalho tem como intuito analisar os movimentos de reconstrução da identidade masculina negra no romance “O Avesso da Pele” por meio da observação da presença dos fenômenos literários da auto ficção e da escrevivência. Nesse sentido, foi proposta uma contextualização bibliográfica a respeito da figura do homem negro na literatura brasileira e também no corpo social, a fim de apontar o local de desprivilégio ocupado por homens negros dentro e fora da ficção. Além disso, durante esse percurso, serão discutidas noções tais quais a importância da literatura negra e do quilombo como instituição ideológica como veículos promotores de auto representação para identidade do homem negro. Por fim, foi realizada uma análise da obra na qual foi observada de que maneira o autor se insere dentro da narrativa através da autoficção com o objetivo de reconstruir a masculinidade negra e também como esse movimento da escrita de si transborda a si mesmo, alcançando um coletivo de vozes demarcadas na escrevivência. Assim, para os fins propostos por este trabalho, foram utilizados, como principais referenciais teóricos, autores como De Assis Duarte (2013), Evaristo (2003), Dalcastagné (2008), Hooks (2022) entre outros.

**Palavras-chave:** Literatura Negra; Masculinidade Negra; Paternidade Negra; Auto Representação Negra; Resistência Negra.

## ABSTRACT

The present study aims to analyze the movements of reconstruction of black male identity in the novel "O Avesso da Pele" through the observation of the presence of literary phenomena of autofiction and *escrevivência*. In this sense, a bibliographical contextualization was proposed regarding the figure of the black man in Brazilian literature and also in the social body, in order to point out the place of disadvantage occupied by black men inside and outside fiction. Additionally, during this journey, notions such as the importance of black literature and the quilombo as an ideological institution as promoters of self-representation for the identity of the black man will be discussed. Finally, an analysis of the work was carried out in which it was observed how the author inserts himself into the narrative through autofiction with the objective of reconstructing black masculinity and also how this movement of self-writing overflows itself, reaching a collective of voices marked in *escrevivência*. Thus, for the aims proposed by this work, authors such as De Assis Duarte (2013), Evaristo (2003), Dalcastagné (2008), Hooks (2022), among others, were used as main theoretical references.

**Keywords:** Black Literature; Black Masculinity; Black Fatherhood; Black Self-Representation; Black Resistance.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1. O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA: DA REPRESENTAÇÃO À AUTO REPRESENTAÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1 A LITERATURA NEGRA COMO UM TERRITÓRIO CONQUISTADO	17
1.2 O CORPO NEGRO E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL	20
1.3 O HOMEM NEGRO: UMA IDENTIDADE DILACERADA NA LITERATURA BRASILEIRA	23
<b>2. DESCONSTRUINDO E RECONSTRUINDO A MASCULINIDADE NEGRA</b>	<b>27</b>
2.1 PATERNIDADE NEGRA E ABANDONO: PAPAÍ VAI VOLTAR PARA CASA?	30
2.2 RESISTÊNCIA CULTURAL NO QUILOMBO: DE INSTITUIÇÃO FÍSICA PARA IDEOLÓGICA	32
2.3 AUTOFIÇÃO E AS ESCRITAS DO EU	33
2.4 ESCREVIVÊNCIA: UM COLETIVO DE VOZES NA LITERATURA	36
<b>3. É NECESSÁRIO PRESERVAR O AVESSO: ANALISANDO A RECONSTRUÇÃO DO MASCULINO NEGRO</b>	<b>39</b>
3.1 APRESENTANDO O AUTOR E A OBRA	39
3.2 LENDO DO AVESSO: UMA ANÁLISE DE “O AVESSO DA PELE”	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

No âmbito da literatura canônica brasileira, as representações das masculinidades negras surgem como um tema frequentemente negligenciado, muitas vezes reduzido a óticas estereotipadas racistas e patriarcais que relegam as vivências e subjetividades do homem negro à margem do discurso literário. Essa marginalização da identidade masculina negra no campo da literatura perpetua um cenário de violência simbólica, exclusão e silenciamento, no qual o homem negro é confinado em um lugar de estigmatização e desvalorização. Paralelo a isso, a obra contemporânea “O Avesso da Pele”, de autoria do escritor, professor e pesquisador Jeferson Tenório emerge como uma importante contribuição para a compreensão, reconstrução e representação de vozes negras no discurso literário atual.

A princípio, é extremamente importante justificar a escolha em trabalhar com “O Avesso da Pele”. Nesse sentido, destaco como a maneira sensível, profunda e humana do autor de escrever o texto literário me causou encantamento instantâneo, fazendo com que eu me sensibilizasse com as dolorosas passagens do romance e despertando em mim a vontade de contribuir com algo, por menor que seja, para esta rica produção literária.

Nesse sentido, a presente monografia tem o objetivo de analisar como o romance de Tenório realiza movimentos de reconstrução da masculinidade negra a partir da ficcionalização. Assim, partindo de uma abordagem bibliográfica e reflexiva, propõe-se investigar como a presença da autoficção, segundo o modelo estabelecido por Vincent Colonna (2004) e a escrevivência elaborada por Conceição Evaristo (2020) contribuem para esse processo de reconstrução e resgate das vivências do homem negro frente ao discurso literário, promovendo um diálogo entre questões raciais, políticas, históricas e estéticas.

Assim, para a realização da análise aqui proposta, cabe também observarmos o percurso da identidade masculina negra através da história nacional e literária, conhecendo quais lugares ela ocupou, desde a colonização do território brasileiro até os dias atuais. Sendo assim, o primeiro capítulo deste trabalho tem o intuito de apresentar as questões de representação e autorrepresentação negra no fazer literário brasileiro, partindo de uma análise da presença do negro no cânone literário, em que a representação negra está envolta em invisibilidade ou estereótipos nocivos, chegando até as instâncias da literatura negra, em que os autores dissonantes da hegemonia branca conquistam um território para se fazerem ouvir. Além disso, também serão discutidas temáticas como a questão do corpo negro no Brasil e a

problematização da identidade masculina negra na literatura brasileira, em que será debatido como essa identidade vem sendo dilacerada no romance brasileiro através das épocas. Neste primeiro momento da pesquisa, serão utilizados como referencial teórico alguns autores como Evaristo (2003) Cuti (2010), Dalcastagnè (2012) e Andrade (1978).

Ademais, dando seguimento à pesquisa, o segundo capítulo dará enfoque teórico às questões referentes à reconstrução da masculinidade negra. Inicialmente, será apresentado como o homem negro é negativamente afetado por um modelo cristalizado e hegemônico de masculinidade pautado no racismo e no patriarcalismo, o que acaba por gerar, desde à infância, homens negros patriarcais e tóxicos no núcleo familiar. A seguir, compreenderemos como a paternidade e o abandono desempenham um papel essencial nessa questão, uma vez que a ausência de um cuidador afetuoso na criação das crianças faz com que meninos negros sejam presas fáceis para o patriarcado. Após isso, é relevante compreendermos como o conceito de quilombo se relaciona com essa discussão, em especial, enquanto uma instituição de caráter ideológico, pois as manifestações artísticas provenientes dela configuram um importante mecanismo de enfrentamento do patriarcado racista. Nessa perspectiva, ainda no capítulo dois, serão explorados os conceitos de autoficção e de escrevivência como importantes forças presentes nas manifestações artísticas do quilombo, nas quais é possível reconstruir a identidade negra através da diluição das fronteiras entre a realidade e a ficção, em que o “eu” transborda os próprios limites subjetivos e alcança um coletivo de vozes por meio da literatura. Nesse segundo estágio do trabalho, serão trabalhados, majoritariamente, autores como Hooks (2022), Evaristo (2020), Colonna (2004) e Nascimento (2006).

Por fim, será realizada uma análise do romance “O Averso da Pele”, na qual será investigada a relação da autoficção e da escrevivência com a reconstrução da masculinidade negra dentro do romance. Dessa forma, durante a análise, serão observados recortes da obra de Tenório frente às teorias propostas por Hooks (2022) a fim de compreendermos como o autor se transcreve para dentro do romance com o intuito de reconstruir a figura do homem negro por intermédio de uma ponte entre a experiência e a ficcionalização.

## **1. O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA: DA REPRESENTAÇÃO À AUTO REPRESENTAÇÃO**

Embora a tradição literária brasileira tenha uma longa e consolidada história, cuja crítica canônica considera ter início em um período colonial, com a produção da carta de Pero

Vaz de Caminha e, posteriormente ter se estabelecido de maneira mais elaborada nos períodos posteriores, é notável que a presença dos povos não brancos nessa literatura era nula, de forma que os corpos dos escravizados não tinham importância para o projeto de formação de um fazer literário brasileiro. Dessa forma, para que possamos discutir os entraves a respeito da representação do negro na literatura brasileira, é preciso investigar um pouco a história do Brasil enquanto nação colonizada e também após o rompimento de seu vínculo com Portugal.

A princípio, com o acontecimento da independência do Brasil, tornou-se necessária a formulação da identidade nacional do país, pois, agora independente, era fundamental que se construísse uma imagem de Brasil individual, longe do que se concebia do território enquanto apêndice das propriedades portuguesas. Para esse fim, a literatura teve um papel essencial, em que romancistas consagrados pelo cânone literário tinham o papel de, através da escrita e ficcionalização, tecer uma nova identidade para essa terra recém emancipada. Desse modo, escritores como José de Alencar passaram a enxergar na figura do “índio” uma oportunidade de escrever uma nova história nacional, tomando essa figura como herói da nação, mesmo que transcrita não pela realidade desses povos e sim pela ótica do colonizador em busca de um objeto de falsa representação nacionalista.

Seguidamente, ao voltarmos nosso olhar para a literatura brasileira ainda através do que se configura como cânone literário, é notável perceber como o indivíduo negro, quando finalmente aparece na produção literária, assume um papel de mero tema ou objeto dentro da ficção de autoria branca. Nesse sentido, podemos elencar inúmeros exemplos dessa noção retirados das obras consagradas da literatura brasileira, que vão desde o Romantismo de José de Alencar até a contemporaneidade literária. A exemplo essa constatação, podemos ver a tentativa estereotipada da representação do negro através de um fragmento retirado da obra “O Tronco do Ipê”, de José de Alencar:

“[...] numa funda caverna do tronco, havia uma imagem de Nossa Senhora em barro, um registro de São Benedito, figas de pau, feitiços de várias espécies, ramos secos de arruda e mentruz, ossos humanos, cascavéis e dentes de cobra” (Alencar, 1938, p. 77 *apud* De Oliveira Santos, 2018, p. 222).

No excerto destacado, fica clara a imagem parcial e proveniente de estereótipos a respeito do personagem Pai Benedito, que é representado na figura de um feiticeiro, identidade mística comumente associada aos povos africanos. Essa representação alegórica empregada por Alencar em relação ao personagem negro serve como um mecanismo de manutenção dos valores sociais e religiosos da máquina colonial, uma vez que a espiritualidade negra é colocada no lugar do sinistro e herético em função do enaltecimento

do catolicismo na obra. Ainda sobre José de Alencar, é essencial problematizarmos o fato de que o romancista mostrava-se veementemente a favor do regime econômico escravista, posição ideológica explícita, inclusive, em suas famosas Cartas a favor da escravidão:

Grande erro, senhor, prejuízo rasteiro que não deverá nunca atingir a altura de vosso espírito. Estas doutrinas que vos seduziram, longe de serem no Brasil e nesta atualidade impulsos generosos de beneficência, tomam ao revés o caráter de uma conspiração do mal, de uma grande e terrível impiedade (Alencar, 2008, p. 61).

Sob tal perspectiva, o trecho acima, retirado da segunda carta constituinte da obra “Cartas a favor da escravidão”, de José de Alencar, podemos aferir com clareza a posição favorável ao sofrimento dos escravizados defendida pelo escritor. Outra forma de representação negativa esboçada no cânone literário acontece na obra “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, em que os recursos naturalistas da zoomorfização e do determinismo são frequentemente utilizados em personagens negros com o intuito de destituí-los de qualquer subjetividade humana. Isso é constatado a partir do trecho abaixo:

Os policiais, vendo que ela se despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo, rasgou o ventre de lado a lado. E depois embarcou para frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue. João Romão, fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos (Azevedo, 1999).

No trecho acima, a personagem secundária Bertoleza, mulher negra que aspirava comprar sua carta de alforria é enganada pelo protagonista João Romão, que a trai e faz com que ela encontre seu fim por meio do suicídio. Dessa maneira, além da subalternização da personagem negra enquanto mera coadjuvante destinada à tragédia, temos também o elemento da perda da humanidade, em que a referida personagem, em seu desfecho, é comparada a um animal raivoso e não há uma preocupação do autor em gerar uma sensibilidade no leitor sobre a situação.

Nesse caso, é interessante apontar que Cândido (2006) argumenta que o contexto social de uma obra literária não se limita a ser apenas um aspecto externo de sua produção, mas assume o papel de um elemento interno da literatura. Em tal contexto, a falta de uma preocupação em sensibilizar o leitor em relação ao desfecho da personagem negra e provocar alteridade é compreensível uma vez que assumimos a presença do racismo estrutural como parte intrínseca do universo ficcional do romance. Sobre esta temática, é de total relevância o que diz Silvio Almeida:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural (Almeida, 2019, p. 33).

Ainda na discussão proposta por Almeida (2019), é importante pontuar que essa estrutura racista existente na sociedade brasileira e mimetizada na literatura assume dimensões tanto históricas quanto políticas, exercendo grande força ideológica na formação Brasil enquanto nação e também da sua literatura canônica. Sob esse viés, o negro enquanto personagem é sempre colocado em um local de subalternidade, ora exercendo o papel de coadjuvante estereotipado, cuja função é auxiliar o protagonista branco, funcionando como um meio para um determinado fim, ora como vilão ou indivíduo malfazejo. A esse respeito, De Assis Duarte pontua o seguinte:

No arquivo da literatura brasileira construído pelos manuais canônicos, a presença do negro mostra-se rarefeita e opaca, com poucos personagens, versos, cenas ou histórias fixadas no repertório literário nacional e presentes na memória dos leitores (De Assis Duarte, 2013, p. 146).

Assim sendo, o negro, na literatura brasileira canônica, está confinado em um local onde sua subjetividade e construção enquanto indivíduo está atrelada à imagem cristalizada pelo imaginário e valores da branquitude<sup>1</sup>. Assim, a representatividade negra na literatura fica impossibilitada de acontecer, pois está dilacerada pela ótica do colonizador, detentor dos privilégios de fala no discurso literário. No que diz respeito a esses privilégios discursivos no campo literário, é do senso comum que em uma sociedade multirracial e racista como o Brasil, os valores sociais, estéticos e subjetivos a serem postos em um status de mais valia são os brancos. Acerca disso, a psiquiatra, psicanalista e escritora Neusa Santos Souza disserta que:

A sociedade escravista, a transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padres de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (Souza, 1983, p. 19).

Apesar de Souza não estar falando especificamente do âmbito literário, suas proposições são válidas à discussão, uma vez que a literatura possui um caráter discursivo importante na composição identitária na sociedade na qual se insere e continua servindo, muitas vezes, ao propósito de segregar a identidade negra no imaginário social. Dentro dessa

---

<sup>1</sup> [...] Entende-se que a branquitude, vista como a identidade racial do branco, é concebida como um construto ideológico de poder que nasceu no contexto do projeto moderno de colonização europeia (Steyn, 2004; Schucman, 2012 apud Muller, 2018). Ou seja, a branquitude surge local estrutural da vantagens do cidadão branco no qual à sua identidade é tida como o perfil identitário ideal e hegemônico dentro do corpo social.

perspectiva, diversas obras literárias do passado que hoje são consagradas como parâmetros da boa escrita e ficção brasileiras distorceram a imagem do negro como uma forma de perpetuar a hegemonia escravista da elite colonizadora. A respeito disso Zahra (2015) afirma que

Na literatura as criações transgridem as fronteiras do real e a imagem literária não expressa apenas o óbvio. O imaginário sobre o negro, por meio dos símbolos da força física e cultural, da sedução sexual e da magia religiosa, justificava o sentido da existência da escravidão, transformava os homens em objetos. A escravidão, ao suprir as necessidades materiais da sociedade, reiterava sua função econômica por mater a sobrevivência da ordem institucional com o propósito de assegurar às elites a vida a que aspiravam continuar (Zahra, 2015, p. 65).

De encontro a essas concepções, temos o conceito de literatura negra como um local de pertencimento e espaço para uma escrita que realmente represente o que é ser negro. Tal conceito será abordado com mais profundidade mais adiante neste trabalho. Contudo, antes dessa discussão, é importante que tomemos consciência do que Eduardo de Assis Duarte discute a respeito disso:

É outro o lugar do negro na literatura de autoria negra. E aqui, toma-se como premissa o reconhecimento da existência de um segmento específico – afro-identificado – presente em nossa produção literária (De Assis Duarte, 2013, p. 148).

Tendo isso em vista, é interessante que façamos mais uma vez um recorte sobre a representação de personagens negros em obras literárias, mas dessa vez trazendo a tona personagens escritos por escritores negros, para que seja possível perceber a enorme diferença na constituição de tais personagens. Como primeiro exemplo, observemos um fragmento do conto “A Escrava” de Maria Firmina dos Reis:

A hora permitida a descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço que logo adormeceram Ouvi ao longe rumor, como de homes que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamente meu coração; lembrei-me do traficante.... Cori para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos (Reis, 2017, p. 256).

De maneira oposta aos fragmentos anteriores, que traziam a representação do negro sob a ótica da autoria branca e colonizadora, o conto “A Escrava”, de Maria Firmina dos Reis reelabora as noções de autoria de maneira dissonante à hegemonia de sua época, trazendo não só uma literatura escrita por mãos negras, mas também um foco narrativo centrado na figura do escravizado, reconhecendo-o enquanto um sujeito dotado de subjetividades e

sensibilidades, muito diferente do que se concebia na época escravista. Outro exemplo extremamente pertinente à discussão jaz na obra contemporânea “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo, na qual o protagonismo negro entrega, durante toda a experiência negra, as inquietações e angústias subjetivas do sujeito negro frente à uma sociedade colonial:

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que havia acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou lembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia apenas que, de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia (Evaristo, 2003, p. 45).

Assim, de maneira magistral, Conceição Evaristo escreve sua personagem de maneira complexa, humana e extremamente subjetiva, apresentando uma mulher permeada por questionamentos psicológicos e emocionais que não aparece na literatura canônica, mas apenas nas literaturas escritas pela autoria negra, possibilitando a auto representação. Nessa congruência, somos levados, a refletir sobre a literatura negra como esse importante espaço de construção e reconstrução de identidades infelizmente caracterizadas como subalternas e marginais, em que autores dissonantes da hegemonia literária branca conseguem, por meio da linguagem, subverter os mecanismos coloniais e subjetivamente violentos para criarem uma literatura que realmente os reflita enquanto um coletivo de indivíduos submersos em uma sociedade que os ignora e fere. A partir desse espaço, escritores e escritoras negras passam a ter uma voz e a se constituírem enquanto indivíduos escritores cujas obras perpassam não apenas uma individualidade silenciada, mas um coletivo de identidades que necessitam de serem ouvidas.

## 1. 1 A LITERATURA NEGRA COMO UM TERRITÓRIO CONQUISTADO

Segundo Regina Dalcastagnè (2008), a literatura é, assim como outras esferas artísticas e discursivas, um território fértil no que se refere às lutas entre diferentes grupos sociais por uma oportunidade de partilhar seus discursos, pontos de vista e subjetividades humanas através do universo poético e narrativo. Nesse sentido, é notório que o campo literário, por estar intrinsecamente atrelado às questões sociais da realidade, reflete a sociedade na qual se insere. Assim, podemos afirmar que o mercado literário ainda é dominado pelas seções privilegiadas da sociedade, que possuem um local de fala privilegiado para expressar suas identidades e realidades, deixando os corpos socialmente marginalizados

à sombra dessa dimensão, ou seja, incapacitados de existir nesse universo ficcional com a mesma assiduidade. Sobre essa questão, Dalcastagnè (2008) explica que

A literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira. É o caso da população negra, que séculos de racismo estrutural afastam dos espaços de poder e de produção de discurso. Na literatura, não é diferente. São poucos os autores negros e poucas, também, as personagens – uma ampla pesquisa com romances das principais editoras do País publicados nos últimos 15 anos identificou quase 80% de personagens brancas, proporção que aumenta quando se isolam protagonistas ou narradores (Dalcastagnè, 2008, p. 87).

Dessa forma, as identidades caracterizadas como detentoras desse privilégio são autores majoritariamente brancos, do gênero masculino e heterossexuais, pois é essa a identidade constituinte da hegemonia social vigente. Assim, para melhor entendermos como se configura essa batalha por direito à voz, é interessante que nos voltemos à discussão proposta pela estudiosa e crítica literária Regina Dalcastagnè, em sua obra “A literatura brasileira contemporânea: um território disputado”:

Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala (Dalcastagnè, 2012, p. 5).

Sob essa ótica de luta por espaço no campo literário, diversas literaturas surgem na tentativa de também reivindicar seu direito à fala, como, por exemplo, a chamada Literatura Negra. Entretanto, antes de adentrarmos em uma discussão mais aprofundada sobre o tema, é necessário que façamos algumas observações a respeito do que vem a ser a literatura negra. Desse modo, Florentina da Silva Souza (2006) discute acerca do termo e pontua que, ao pensarmos no conceito de literatura brasileira, instantaneamente estamos nos referindo a uma literatura, em sua grande maioria, de autoria branca, sem precisarmos recorrer ao termo “literatura branca”, mas é notório que os escritores de pele negra, que escrevem partindo das vivências do cidadão afro-brasileiro, são uma minoria no campo literário, deixados à margem desse grande mercado.

Sendo assim, apesar das controvérsias envolvendo o uso do termo, faz-se necessária uma distinção da literatura de autoria negra no Brasil das demais literaturas de autoria não negra para que seja possível observar a sua particularidade em meio a um país que, apesar de pregar uma imagem de nação mestiça, ainda segrega as subjetividades dos descendentes dos

escravizados em todas as suas esferas discursivas. Nesse viés, um grande fator constituinte da literatura negra brasileira é a intenção de retratar as lutas e vivências da população negra, que sofre uma série de severas exclusões desde o período colonial. Assim, as vivências e dores experienciadas por essa grande parcela da população servem de combustível para uma produção literária única em sua essência. A esse respeito, Luiza Lobo, em “Literatura negra brasileira contemporânea” postula que

Um dos aspectos primordiais que ao meu ver define a literatura negra, muito embora não seja um elemento norteador, em geral, dos estudos sobre o assunto, é o fato de a literatura negra do Brasil - ou afro-brasileira - ter surgido quando o negro passa de objeto a sujeito dessa literatura e cria a sua própria história; quando o negro visto geralmente de forma estereotipada, deixa de ser tema para autores brancos para criarem sua própria escritura no sentido de Derrida: a sua própria visão de mundo. Só pode ser considerada literatura negra, portanto, a escritura de africanos e seus descendentes que assumem ideologicamente a identidade de negros (Lobo, 1988, *apud* Evaristo, 2010, p. 135 ).

No entanto, mesmo frente a essas noções, a crítica literária brasileira ainda fomenta discussões a respeito de como categorizar o fazer literário negro-brasileiro. Desse modo, há o movimento de nomear a produção de literaturas negras no Brasil como “Literatura Afro-Brasileira”, o que, segundo Cuti (2010), é uma tentativa de projetar a literatura negra para fora do que se concebe como cenário literário brasileiro, deixando-a, assim, à margem, uma vez que, na lógica colonial, produções de África são vistas como inferiores. Entretanto, paralelo a isso, há também escritores negros que relutam em utilizar a expressão “literatura negra” enquanto uma categoria que abrange seu fazer literário, pois consideram que essa distinção se apresenta como um termo mais rotulante do que benéfico. A esse respeito, o próprio Cuti apresenta o questionamento quando diz “Não se diz que um escritor branco-brasileiro produz literatura euro-brasileira, nem tampouco branco-brasileira. Por que, então, o destaque negro-brasileiro?” (Cuti, 2010, p. 18) Adiante, como forma de responder à própria indagação ele diz que

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa branquidão que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro” (Cuti, 2010, p. 19).

A partir dessa perspectiva, entendendo que a nomenclatura de “literatura negro-brasileira” apontada por Cuti (2010) compreende um processo de reivindicação social do território literário através das vivências do negro em diáspora no Brasil, adotaremos essa

noção descrita pelo autor como nossa base conceitual no que se refere à vertente literária constituída pelas prouções literárias de autores negros no Brasil. Além disso, a literatura negra, mais do que apenas uma distinção categórica, é um movimento de manter viva a memória de um povo colocado na subalternidade e de também expressar as vivências de uma coletividade, gerando pertencimento em meio a uma sociedade de exclusão pautada nos valores da branquitude, como propõe Conceição Evaristo:

O que caracteriza uma literatura negra não é somente a cor da pele ou as origens étnicas do escritor, mas a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos é pessoal e intransferível. E, se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência pessoal, singular, única, se ele se faz enunciar enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha por uma fala afirmativa, de um discurso outro - diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro - podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra (Evaristo, 2010, p. 136).

Portanto, através dessa conceituação, podemos ter ciência de como a literatura negra enquanto espaço se faz uma conquista dos descendentes de África no que se refere ao direito à voz. Nesse sentido, cabe ainda refletir sobre o quanto ainda é necessário progredir para que esse espaço realmente se expanda e possa adquirir a devida notoriedade, uma vez que as literaturas de autoria negra ,infelizmente, ainda ocupam um local desprivilegiado em detrimento de escritas brancas, como o cânone literário. Entretanto, há também que se ressaltar os avanços dessa literatura na busca por espaço, nos quais diversas obras da literatura negra passaram a ser leituras obrigatórias de ingresso às instituições de ensino superior e objetos de estudo nos cursos de graduação e pós-graduação.

## 1. 2 O CORPO NEGRO E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Ao formular-se uma imagem de Brasil, é comum a prevalência de uma realidade mistificada de “nação mestiça” ou de um país que, devido à miscigenação decorrente da colonização por parte de Portugal no ano de 1500, não possui preconceitos contra a população negra. Entretanto, embora essa imagem de democracia étnica ou racial seja realmente considerada verídica por algumas camadas da sociedade em alguma medida, tanto nacional quanto internacionalmente, é notória a falácia referente a esse assunto, uma vez que a população negra brasileira ainda vive uma realidade de exclusão social e discursiva na contemporaneidade.

Para além disso, na esfera discursiva literária, o conceito de democracia racial busca se reafirmar através do romance, em que a ideia da nação mestiça marca presença no fazer literário de diversos autores, a exemplo de modernistas como Mário de Andrade, com seu romance *Macunaíma*, obra importantíssima do movimento modernista brasileiro. Contudo, apesar da intenção de retratar a “mestiçagem” como algo de ordem positiva e característica da nação, a obra de Mário de Andrade desenvolve uma satirização desse contexto ao denunciar o que está por traz dessa ideologia no Brasil: discursos carregados de estereótipos racistas e também de uma tentativa de embranquecer a nação. Tal denúncia pode ser observada no seguinte trecho:

O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra índiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco loiro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas (Andrade, 1978, p. 33).

Além do embranquecimento do personagem negro, a obra ainda denuncia o pensamento de que a negritude como algo sujo e negativo, um pensamento racista predominante na época. Isso pode ser visto no trecho:

Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou: — Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz (Andrade, 1978, p. 33).

. A ideia era de que o Brasil, nação marcada pela miscigenação - outrora ocupando uma posição de degeneração - agora assumia uma ótica positiva de união das raças, caracterizando o Brasil como uma terra de harmonia étnica em que a divisão racial e a exclusão pela cor da pele haviam sido deixadas para trás. Porém, essa aparente valorização das origens africanas na verdade configurava mais um mecanismo de exclusão social, pois enquanto a figura do mestiço era colocada em destaque, o cidadão negro tinha sua imagem gradualmente apagada e diluída, uma vez que o conceito de país mestiço implica, na lógica colonial, em um país embranquecido. A respeito disso Araújo (2000) explica que

No entanto, tal como aconteceu no Brasil, para todos esses intelectuais a miscigenação configurou-se sempre como uma mitologia fundadora das novas nações latino-americanas que trazia na identidade nacional mestiça a superação da heterogeneidade racial, étnica e cultural de sua formação. E, em todas essas construções, a existência de negros e índios foi progressivamente apagada ou, no mínimo, diluída a partir da apropriação das suas culturas como parte integrante de uma nova cultura nacional original (Araújo, 2000, p. 982).

Nesse sentido, o mito da democracia racial brasileira começa a se configurar a partir da promulgação da Lei Áurea em 1888, em que, na teoria, os povos escravizados e agora libertos, desfrutariam de uma igualdade de direitos e de uma cidadania igualitária em relação à população branca da época. No entanto, é sabido que essa prerrogativa falaciosa não se concretizou na realidade, uma vez que a população negra continuou - e continua - a sofrer uma série de severas exclusões no corpo social, como aponta Domingues:

Neste novo contexto, os negros continuaram em desvantagem frente aos brancos e não podiam concorrer em condições paritárias; a cor não deixou de ser um fator restritivo ao sucesso individual e/ou do grupo. Por isso, na competição que se instaurou entre negros e brancos, o trabalho, a competência, inteligência, capacidade e esforço individual não poderiam ter sido os únicos requisitos que iriam determinar o acesso aos bens públicos e privados (Domingues, 2005, p. 03).

Dentro dessas disputas pelo direito de ocupar espaços igualitários, a não adequação aos mecanismos constituintes do modelo de sociedade capitalista decorrente da exclusão fez com que uma série de estereótipos fossem construídos em cima do corpo negro. Ou seja, por estarem frente a um verdadeiro abismo de desvantagens socioeconômicas e de direitos, os escravizados libertos passaram a ocupar um espaço marginalizado e desprezado nas cidades, locais onde precisaram se inserir após a saída do campo em detrimento da chegada dos imigrantes brancos que trabalhariam nas grandes plantações de café. Essa nova e ainda desvantajosa configuração econômica e social marcou também uma divisão subjetiva a respeito dos olhares direcionados aos corpos negros, construindo uma visão totalmente baseada em estereótipos racistas. Um exemplo extremamente pertinente dessa visão estereotipada é retratado no romance *Cemitério dos Vivos*, de Lima Barreto:

A polícia, não sei como e porque, adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis. (...) todo o cidadão de côr há de ser por fôrça um malandro; e todos os loucos hão de ser por fôrça furiosos e só transportáveis em carros blindados (Barreto, 1961, p. 151-152).

Outrossim, a obra de Lima Barreto está carregada com denúncias de um contexto social racista e eugenista que nos ajuda a atender como a construção de estereótipos raciais e preconceitos embasados pelo racismo científico falacioso promoveram a exclusão social dos cidadãos negros no Brasil. Além disso, o autor vai além da denúncia contra uma polícia preconceituosa quando expõe também como a instituição psiquiátrica tratava os pacientes negros dentro de suas instalações. Tal situação está explícita no trecho abaixo, o qual descreve uma seção do hospício em particular:

Na Secção Pinel, num pátio que ficavam os mais insuportáveis, dez por cento dêles andavam nu ou seminu. Êsse pátio é a cousa mais horrível que se pode imaginar. Devido a pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dêle, é que tudo é negro. O negro é a côr mais cortante, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento (Barreto, 1961, p. 185).

A partir da obra de Lima Barreto, podemos exemplificar a exclusão racial existente no Brasil ocasionada por uma série de preconceitos raciais contra a população negra. Entretanto, é importante também que tenhamos ciência de que tais estereótipos nocivos variam de homens para mulheres negras. Dentro dessa discussão, Florestan Fernandes (1964, apud Pereira, 2011, p. 280) aponta que enquanto a mulher negra consegue encontrar seu ganho exercendo a função de trabalhadora em casas de famílias brancas mais abastadas e, assim, consegue sustentar a casa, o homem negro, por não conseguir fazer o mesmo, é colocado na posição de indivíduo preguiçoso ou imprestável, o que dá início à construção de estereótipos nocivos à sua imagem. Nessa ótica, Pereira (2011) ainda pontua que

. É essa situação de precariedade socioeconômica que coloca a mulher na chefia da família e fornece os ingredientes para que o imaginário brasileiro construa a figura do homem negro como indivíduo preguiçoso, desinteressado do trabalho, vivendo às expensas da mulher (Pereira, 2011, p. 280).

É a partir desse breve panorama sócio histórico que podemos analisar e problematizar a imagem do corpo negro no imaginário contemporâneo. Vale ressaltar que, para os fins desta pesquisa, voltaremos o nosso olhar especificamente para a figura do homem negro, observando quais locais ele ocupa na sociedade atual e onde ele se insere no conjunto de normas da branquitude.

### 1. 3 O HOMEM NEGRO: UMA IDENTIDADE DILACERADA NA LITERATURA BRASILEIRA

Dentro de uma sociedade colonizada, em que a estrutura do corpo social é construída em torno do conjunto de normas regido pela branquitude, é fato que qualquer corpo e subjetividade que venha a destoar dessas normas seja colocado numa posição de segregação violenta e subalternidade de direitos civis. À vista disso, podemos considerar que as identidades subalternas são todas aquelas que não correspondem ao que Lorde (2019) chama de “Norma mítica”, que seria um perfil identitário normativo dentro de uma determinada sociedade, que assume uma posição hegemônica em relação às outras, consideradas de menos

valia. Embora esse seja um conceito referente a uma obra do pensamento feminista, cujo enfoque está na figura da mulher negra, é interessante o relacionarmos à discussão aqui proposta, uma vez que a figura do homem negro também foge desse perfil hegemônico. Ainda sobre a “norma mítica”, Lorde (2019) afirma que

Na América, essa norma é comumente definida como branco, magro, macho, jovem, heterossexual, cristão e financeiramente estável. É com essa norma mítica que as armadilhas do poder existem dentro da sociedade. Aqueles de nós que estamos afastados desse poder geralmente identificamos uma maneira pela qual somos diferentes, e supomos que essa é a causa básica de toda opressão, esquecendo outras distorções em torno da diferença, algumas das quais nós mesmos podemos estar praticando (Lorde, 2019, p. 5-6).

A partir disso é possível que possamos analisar a presença de uma *norma mítica* presente não só de maneira geral entre os grupos sociais, mas de forma mais específica, dentro do campo das masculinidades que compõem a sociedade contemporânea. Assim, isso implica em dizer que enquanto há uma norma geral que rege qual o perfil hegemônico de cidadão, há também uma norma a qual determinará qual o tipo de masculinidade hegemônica em uma sociedade. Sobre esse assunto, Osmundo Pinho (2004) dialoga a respeito das diferentes masculinidades existentes e problematiza a posição da masculinidade negra entre elas, que são divididas entre hegemônicas e subalternizadas. A respeito dessa subalternização, o autor destaca que

Tradicionalmente, e de um modo um tanto quanto esquemático, seria possível dizer que o modelo de masculinidade hegemônico nas sociedades ocidentais apresenta-se com um conteúdo determinado: o homem, no pleno gozo de suas prerrogativas, seria adulto, branco, de classe média e heterossexual (Pinho, 2004, p. 66).

Após esse pertinente e delimitante recorte, podemos afirmar, com certeza, que a identidade do homem negro encontra-se exterior a essa masculinidade hegemônica. Ainda segundo Osmundo Pinho (2004), a identidade do homem negro, na lógica da branquitude, está intrinsecamente atrelada ao corpo, sendo este um corpo de trabalho para o branco ou um corpo sexualizado, constituinte do imaginário fetichista branco. Doravante, façamos uma breve retomada à discussão a respeito dos estereótipos raciais construídos sobre a população negra no Brasil, porém, afunilemos nosso olhar crítico especificamente para o homem negro. Nesse sentido, é do senso comum afirmarmos que homens negros são frequentemente associados à violência e à criminalidade na sociedade, sabendo disso, podemos nos apropriar do que Dalcastagnè (2008) nos fala acerca da literatura brasileira contemporânea, uma vez que em suas ausências, ela acaba revelando bem mais sobre a sociedade do que normalmente se espera.

A esse respeito, a autora nos convida a observar como o racismo estrutural, os estereótipos e a exclusão racial ainda permeiam o cenário literário brasileiro atual, no qual a desigualdade racial pode ser aferida por meio do olhar crítico direcionado aos personagens das obras contemporâneas. O primeiro dado importante a respeito dessa discussão é que “A personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca. Os brancos somam quase quatro quintos das personagens com uma frequência mais de dez vezes maior do que a categoria seguinte (negros).” (Dalcastagnè, 2008, p. 90). Além disso, a estudiosa ainda revela estatísticas interessantes a respeito da comparação entre personagens masculinos brancos e negros no romance, denotando, assim, mais uma desigualdade:

Os negros são 7,9% das personagens, mas apenas 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores; embora em proporção menos drástica, uma redução similar ocorre no caso dos mestiços. Juntando os dados anteriores, é possível observar a ampla predominância de homens brancos nas posições de protagonista ou de narrador, enquanto as mulheres negras mal aparecem (Dalcastagnè, 2008, p. 91).

De tal maneira, as estatísticas nos ajudam a constatar que a masculinidade negra é objeto de pouca representação na produção literária do Brasil, tendo seu protagonismo bastante reduzido em detrimento dos personagens brancos, que constituem o perfil hegemônico de cidadão tanto na realidade quanto na ficção literária. Outro tópico de extrema importância para esta discussão é referente às ocupações dos personagens negros presentes nos romances analisados por Dalcastagnè, em que a própria nos conta que “Mais de um quinto dos negros representados nos romances em foco são bandidos ou contraventores (E a eles poderiam ser acrescentados mais três presidiários). (Dalcastagnè, 2008, p. 94). Dessa forma, considerando os dados supramencionados, é notável que a masculinidade negra, na literatura brasileira contemporânea, é comumente atrelada à bandidagem, violência e crimes, o que configura, mais uma vez, a presença de uma visão embasada em estereótipos raciais na literatura nacional.

Por outro lado, na literatura negra, as masculinidades negras encontram, por fim, um local para se auto representarem e escapar das mazelas da representação errônea decorrente do racismo estrutural na literatura. Um exemplo bastante vívido disso está no conto “Conluio das perdas” de autoria do escritor Cuti (2017), no qual ele apresenta a história do personagem Malcolm, jovem negro que é confundido com assaltantes de banco pela cor de sua pele. Na tentativa de confortá-lo, seu pai relata a recorrência de tais situações de racismo vividas no trecho a seguir

Havia, sim, vivido alguns vexames do tipo: pai da namorada, ao me conhecer, impede o namoro; ser barrado em porta de prédio ou me indicarem o elevador de

serviço quando eu era visita; não ser servido em restaurante ou tomar chá-de-cadeira; ser preso por vadiagem, mesmo com a Carteira de Trabalho assinada... Enfim, eram fatos que me haviam feito sofrer, mas nada daquilo se igualava ao que acontecera (Cutí, 2017, p. 1).

No conto, os personagens vivenciam o racismo estrutural e a violência policial naturalizada contra corpos negros masculinos. Nessa temática, o autor desconstrói a imagem do homem negro como indivíduo violento cristalizada no imaginário social para dar voz a uma masculinidade afetuosa e repleta de amor paterno. É possível observar isso em trechos como:

Depois da morte de Helena, Malcolm tornou-se a minha mais importante motivação de viver. E como ele correspondia aos meus incentivos, nossos laços se estreitaram muito. Meu filho tornara-se meu companheiro. Bastava haver qualquer coisa que me aborrecia em alguma de suas atitudes, ou vice-versa, ele me dava alguns leves socos, como quem chama para a briga, e ia me dizendo suas desculpas ou permitia que eu desse as minhas. Eu ensaiava aquela luta com ele e, assim, íamos conversando até, por fim, nos abraçarmos e todo aborrecimento se afastar completamente. Foi dessa forma que ele conseguira me livrar do álcool (Cutí, 2017, p. 2).

Além do aspecto afetivo da paternidade amorosa e presente, os personagens do conto se mostram ainda como portadores de uma masculinidade politizada e ciente das relações raciais presentes no cenário social no qual se inserem, o que agrega ao personagem do pai também um papel de educador crítico e emocional do filho, algo visto no trecho:

Aos 18 anos, prestando vestibular para Engenharia entusiasmado com o seu sonho profissional, era um filho que muito me auxiliava desde que passamos a viver juntos só os dois. As dificuldades raciais – tema recorrente em nossas conversas sobretudo quando ele sofria alguma discriminação, arranjava uma namoradinha branca ou queria discutir suas tranças – jamais impediram nossos passos (Cutí, 2017, p. 2).

Por fim, é válido destacar que as masculinidades mostradas no conto de Cutí refletem o que Bell Hooks (2020) apresenta como sendo uma masculinidade alternativa à masculinidade nociva e hegemônica “O que é e foi necessário é uma visão de masculinidade em que a autoestima e autoamor da pessoa, que é única, formam a base da identidade.” (Hooks, 2020, p. 81). Além disso, a autora ainda destaca que uma criação pautada no amor - algo explícito no conto - é essencial para que se cultive nos garotos uma masculinidade saudável

Garotos precisam ter a autoestima saudável. Eles precisam de amor. E políticas feministas sábias e amáveis podem proporcionar a única fundamentação para salvar a vida dos garotos. O patriarcado não vai curá-los. Se esse fosse o caso, todos eles estariam bem (Hooks, 2020, p. 82).

Portanto, fica evidente qual o lugar da masculinidade negra, tanto na sociedade quanto na literatura e também as diferenças entre o homem negro idealizado pelo imaginário racista e repleto de estereótipos e o homem negro escrito dentro da literatura negra. Adiante, no próximo capítulo, resgataremos esse debate acerca da masculinidade negra para realizarmos a análise pretendida do romance “O Averso da Pele”, de Jeferson Tenório.

## **2. DESCONSTRUINDO E RECONSTRUINDO A MASCULINIDADE NEGRA**

Antes de realizarmos uma análise devidamente aprofundada da reconstrução da masculinidade negra no romance, é necessário que façamos um movimento inicial de diálogo entre teorias referentes ao masculino negro e obra literária, de forma a abrir caminho para uma compreensão mais detalhada do assunto. Como exposto anteriormente, é fato que a identidade masculina negra ocupa um lugar de desprivilegio em relação ao que se concebe como um modelo hegemônico masculino na sociedade, sendo, muitas vezes, encarada sob uma ótica constituída de estereótipos pautados na violência, na força de trabalho e na sexualidade, apenas. No entanto, é fundamental irmos de encontro a essa concepção nociva, desconstruindo visões errôneas a fim de que se possa reconstruir a masculinidade negra. Quanto a isso, Bell Hooks diz o seguinte

Numa comunidade negra tradicional, quando alguém diz a um rapaz crescido “seja homem”, está convocando-o a perseguir uma identidade masculina enraizada no ideal patriarcal. Ao longo da história dos homens negros nos Estados Unidos, houve os que não se interessassem nem um pouco pelo ideal patriarcal. Na comunidade negra onde cresci, não havia um ideal monolítico de masculinidade (Hooks, 2019, p. 146).

No excerto citado acima, a autora expressa que, nas comunidades negras tradicionais, há um modelo cristalizado a ser seguido quando se trata de ser homem e essa ideia se apresenta como uma conjunto de regras que, desde muito cedo, afeta as vidas dos jovens garotos negros em seus núcleos familiares, bem como suas relações com o mundo. É interessante pontuar como podemos resgatar mais uma vez o conceito de “norma mítica” elaborado por Lorde (2019) e observar como ele se configura em diferentes espaços sociais, afetando, nesse caso, garotos negros que são violentamente direcionados a seguir a norma mítica do que é ser um homem negro “com H maiúsculo” que, nas palavras de Hooks (2019) é alguém introvertido, quieto, capaz de usar sua força para defender a si e ao seu território.

Esse ideal de masculinidade disseminada no corpo social apontada pela teórica aparece já no início do romance, quando é narrado que o personagem do Sargento “Disse ainda que o Exército precisava de homens fortes e não de mariquinhas magricelas iguais a vocês” (Tenório, 2020, p. 17).

Ademais, Hooks (2019) ainda destaca que essa visão de hombridade idealizada por homens negros é uma consequência direta dos regimes coloniais escravagistas, nos quais o homem negro era impedido de “agir como homem” - dentro da concepção hegemônica branca - e, gradualmente, tiveram esse mesmo padrão de masculinidade branca imposta a eles. Além disso, essa norma cristalizada do que é ser um homem de acordo com a visão do branco colonizador acabou se tornando um fator medidor do progresso do homem negro em sociedade, como afirma a autora em

Embora as políticas de gênero da escravidão negassem aos homens negros a liberdade de agir como “homens” segundo a definição das normas brancas, essa noção de hombridade se tornou o padrão usado para medir o progresso do homem negro (Hooks, 2019, p. 149).

Nesse contexto, a assimilação forçada de padrões de comportamento à qual os homens negros foram submetidos com o passar dos anos em decorrência da colonialidade dialoga com a discussão proposta por Neusa Santos Souza (1983) a respeito do fato de que a escravidão demarcou um lugar específico para o negro na sociedade, lugar esse que, simbolicamente é obrigado a tentar mimetizar o branco, pois este está em uma posição favorável e, portanto, desejada. Isso fica explícito em alguns momentos do romance de Tenório (2020), nos quais o protagonista, Henrique, tenta embranquecer-se, na tentativa de ser aceito pelas pessoas brancas que o cercavam, como mostrado a seguir: “Era uma grande aquisição e você gradativamente começou a deixar os tênis e os bonés de lado. Passou a usar calças e camisas sociais. Agora você queria se parecer com os advogados do seu escritório” (Tenório, 2020, p. 151).

Ademais, há também a questão dos estereótipos sobre a masculinidade negra - algo já mencionado neste trabalho - e como eles agem de maneira destrutiva à imagem do homem negro, pois configuram um mecanismo de controle e de manutenção do lugar de hegemonia do homem branco. Sobre isso, Bell Hooks ressalta que

Nessas representações do século XIX e do começo do XX, os homens negros eram figuras caricatas interessadas apenas em beber e se divertir. Tais estereótipos são uma forma eficiente de os brancos racistas apagarem da consciência pública a importância do trabalho do homem negro. Mais tarde, esses mesmos estereótipos

seriam evocados como motivos para recusar empregos aos homens negros. São evocados ainda hoje (Hooks, 2019, p. 150).

Além dos estereótipos referentes ao comportamento do homem negro, há também aqueles que recaem sobre o seu corpo de maneira sexual e falocêntrica, nos quais a identidade do homem negro é observada sob uma ótica que o reduz a um ser de virilidade animalesca e menos civilizada do que a do homem branco. Tal visão acaba se enraizando de forma tão intrínseca na mentalidade de homens negros que chega a ser erroneamente assimilada como uma forma de auto empoderar-se, como destacado em

Com o surgimento de um falocentrismo selvagem, um homem não era mais um homem de verdade porque sustentava sua família: era um homem simplesmente porque tinha um pênis. Além disso, sua habilidade de usar aquele pênis na arena da conquista sexual poderia tanto trazer status quanto levar dinheiro para casa e torná-lo provedor (Hooks, 2019, p. 156).

Essa representação tóxica da masculinidade negra reduzida ao falo funciona como um fator perpetuante de uma alienação coletiva nas comunidades negras, pois proporciona uma série de conflitos que impedem a união do povo negro contra a hegemonia racista, como afirma Bell Hooks:

O que os homens negros poderiam fazer por eles mesmos e pelo povo negro se não fossem socializados por uma sociedade patriarcal supremacista branca capitalista para colocar suas atenções em seus pênis? Não deveríamos suspeitar da comodificação da negritude contemporânea orquestrada pelos brancos que mais uma vez dizem ao homem negro não só para focar em seu pênis, mas para fazer desse foco uma paixão que o consome? Tais homens confusos têm pouco tempo ou discernimento para a luta pela resistência (Hooks, 2019, p. 178).

Nesse enfoque, a própria Bell Hooks (2022), em sua obra “A gente é da hora: homens negros e masculinidade” discute que os homens negros são condicionados a não questionarem ou irem contra o status quo racista, pois acabam, de certa forma, aceitando papéis subalternos no roteiro patriarcal branco, uma vez que suas autoestimas se encontram fragilizadas pelo fracasso em se adequarem ao modelo de homem hegemônica, modelo esse que pertence ao homem branco. Nesse prisma, em “O Averso da Pele”, a narrativa nos mostra momentos em que o protagonista tem sua autoestima encarcerada dentro da condição de uma validação branca, como no seguinte trecho:

Quando você entrava sozinho numa loja e recebia um tratamento frio e desconfiado por ser negro, se dava conta de que, quando Juliana entrava e te beijava, os vendedores te tratavam melhor. Uma mulher branca com um negro, ele

deve ser um bom homem. E por algum tempo você passou a gostar disso também (Tenório, 2020, p. 30).

Outro fator importante a ser elencado é como a supressão emocional em homens negros ocorre cedo na infância desses indivíduos, vinda diretamente de dentro de seu próprio núcleo familiar, fechando-os, assim, para si mesmos e para o mundo. Sobre tal fato, Bell Hooks menciona que

Muitos garotos negros são bombardeados, desde cedo, com a mensagem de que habitam um universo todo-poderoso que não apenas não deseja que eles tenham sucesso mas está disposto a garantir sua morte. Essas mensagens chegam a eles pela grande mídia. Mas, mesmo antes que a grande mídia estrangule a psique masculina negra, a maioria dos meninos negros é condicionada a ser vítima de abuso emocional, em casa e na escola. Muitas vezes, a socialização patriarcal segundo a qual os meninos não devem expressar emoções ou receber cuidado emocional é mais cruel e implícita na socialização da primeira infância de meninos negros. (Hooks, 2022, p. 148).

Dessa forma, por decorrência de um padrão nocivo de masculinidade negra cristalizada no imaginário social, no qual homens negros não podem se portar como seres sensíveis e emocionalmente abertos, pais de meninos negros tendem a, desde a primeira infância de seus filhos, ensiná-los a não expressarem seus sentimentos. Assim, vemos que o contato com a masculinidade patológica, decorrente do modelo hegemônico racista, ocorre desde cedo na vida familiar e social de meninos negros e isso serve não só como um mecanismo de manutenção de privilégios da hegemonia branca, mas também como uma ferramenta de controle que impede o homem negro de engajar-se em movimentos progressistas que têm como objetivo o combate ao racismo. Além disso, é notório que, como afirma Hooks (2019), reconstruir a masculinidade negra é uma tarefa essencial e coletiva que deve ser realizada em todas as esferas da sociedade, pois é através dessa reconstrução que tanto homens quanto mulheres poderão trabalhar na libertação e descolonização das mentes negras rumo à uma realidade na qual a masculinidade patológica imposta pelo patriarcado branco não mais assole homens e mulheres negras.

## 2.1 PATERNIDADE NEGRA E ABANDONO: PAPAÍ VAI VOLTAR PARA CASA?

Tendo em vista que a masculinidade tóxica se enraíza na vida de meninos negros desde muito cedo, ainda no território da infância, é essencial discutirmos o local ocupado pela

paternidade nesse preocupante cenário na vida de homens e meninos negros e averiguarmos como essa paternidade pode evitar a destruição da autoestima e do emocional desses indivíduos. Entretanto, antes de nos debruçarmos em uma discussão mais aprofundada acerca do assunto, é interessante que tenhamos uma noção inicial dos modelos de paternidades e de como eles se relacionam com a realidade de homens negros em nossa sociedade. Para darmos início a tal discussão, é importante nos atermos à seguinte premissa:

Em período recente de nossa história, o homem encontrava dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Manteve-se protegido no silêncio, comprometedor de toda possibilidade de diálogo com a família, especialmente com os filhos. Foi sempre apoiado pela cultura que, sendo patriarcal, reservou-lhe lugar acima da trama doméstica constituída, sobretudo pela mulher e pela criança (Gomes e Rezende, 2004, p. 119).

Nessa perspectiva, podemos observar que a paternidade efetiva dentro do núcleo familiar se apresenta como um conceito que se distancia do homem contemporâneo, uma vez que este, por decorrência do machismo patriarcal e dos estereótipos de gênero socialmente construídos, não sente que é dever do homem exercer tais funções no lar. Contudo, é importante que tenhamos em mente que a paternidade não é um conceito homogêneo, ou seja, é necessário que façamos os devidos recortes ao considerar esta temática e, em vez disso, enxerguemos em sua pluralidade. Sobre a ausência paterna em famílias negras, Bell Hooks diz o seguinte:

A norma patriarcal, que ensina aos homens que cuidados infantis e cuidados parentais são funções da mulher, continua a prevalecer, apesar das pesquisas feministas que indicam que as crianças são mais saudáveis quando nutridas emocionalmente em lares biparentais. Como muitos homens negros aceitam acriticamente o pensamento patriarcal, eles continuam acreditando que os filhos não precisam tanto dos cuidados do pai quanto dos da mãe (Hooks, 2022, p. 170).

Sob esse viés, homens negros que ainda se encontram presos às normas patriarcais brancas e racistas que regem a sociedade acabam por reproduzir comportamentos destrutivos em seus núcleos familiares que perpetuam um ciclo nocivo na vida social de seus pares. Além disso, apesar da concepção de família muitas vezes estar atrelado à ideia de família biológica, Hooks (2022) ainda afirma que o vínculo sanguíneo não é essencial, mas é vital que as crianças também possuam um cuidador parental masculino que as forneça amor e afirmação. Outro ponto de destaque nesta discussão está voltado para um grau ainda mais profundo da ausência paterna no núcleo familiar negro, este sendo o abandono, como apontado em:

Talvez a crença de que a paternidade não é relevante continue a ser uma norma na vida negra porque oculta a realidade de que muitos homens negros são pais biológicos de lhos indesejados. Até que pessoas negras de todas as classes passem a valorizar a participação ativa dos homens negros na parentalidade, meninos e jovens negros continuarão acreditando que seu objetivo é simplesmente gerar lhos, que eles podem provar sua masculinidade em um sentido patriarcal fazendo bebês, apenas — e não cuidando deles (Hooks, 2022, p. 171-172).

A partir disso, podemos constatar que o abandono se configura como mais uma das mazelas que acometem os homens negros em decorrência do patriarcalismo racista, no qual a prova da masculinidade está centrada apenas na performance sexual e na capacidade de gerar filhos, sem a preocupação de nutrí-los e cuidá-los. Nesse sentido, nota-se que, nas duas situações de ausência paterna, as crianças - os meninos, para o foco desta pesquisa - são as que mais sofrem com as consequências a longo prazo, sendo deixadas a mercê das diversas sequelas psicológicas e emocionais causadas pela negligência que experienciam. Essa realidade de chagas emocionais que acompanham os filhos abandonados também é expressa no romance de Jeferson Tenório, na qual o protagonista confronta o caixão de seu pai, que o abandonara muito cedo na infância:

Você o olhou com o canto do olho e continuou a repetir: um ano de idade. Depois que seu pai foi embora. Depois que seus dedos foram prensados na porta. Depois que as professoras da creche te negaram comida. Um ano de idade, foi a única frase que você conseguiu dizer diante do pai morto. É assim que você vai se curar da culpa (Tenório, 2020, p. 71).

Esse cenário de abandono paterno em famílias negras é mais um dos mecanismos que a máquina colonial encontrou para manter as pessoas negras, mantendo-as em um ciclo vicioso e terrível, ciclo este explícito em:

Uma explicação para o abandono de lhos por pais negros é simplesmente que a falha em curar a criança interior ferida em geral signica, para o adulto que nunca se recuperou da perda e do abandono na própria infância, que a presença do lho ou da lha atua como um gatilho para a dor. Ao afastar-se da criança, ele foge do sofrimento, evita desenterrá-lo. (Hooks, 2022, p. 176).

Sendo assim, fica evidente que a construção de uma parentalidade masculina negra saudável e antipatriarcal é a chave para a cura e libertação de homens negros de seus ciclos de violência, exclusão e privação emocional. É através do amor paterno constituído de reflexão, carinho e aceitação que homens negros podem guiar seus filhos para longe do machismo racista e dos padrões de comportamento criados por uma sociedade que os vê como inimigos.

Além disso, é importante desconstruir ideias torpes quanto aos papéis de gênero no núcleo familiar, que ditam que o papel do cuidado para com os filhos é de responsabilidade única e intransferível da mulher, deixando os homens negros presos à função deturpada de patriarca autoritário e distante. Portanto, a figura do pai é essencial na construção da identidade do homem negro, pois é ela que servirá de modelo para a formação da personalidade do filho e como ele se relaciona como o universo que o rodeia. Assim, é por meio do pai amoroso, presente e que assume a função de protetor, nutridor e guia é que meninos negros podem crescer e tornarem-se homens livres e saudáveis.

## 2.2 RESISTÊNCIA CULTURAL NO QUILOMBO: DE INSTITUIÇÃO FÍSICA PARA IDEOLÓGICA

A exclusão social negra é uma realidade infelizmente intrínseca da estrutura social brasileira desde o período da colonização, no qual os indivíduos trazidos cativos do continente africano ocupavam um lugar de desumanização derradeira e de aculturação em um território novo e inóspito. Dessa forma, é nítido pensarmos que o que ainda existe na atualidade em matéria de elementos culturais negros no Brasil só sobreviveu até o momento por meio de lutas e resistências pelo direito à cultura. Sobre esse fato, De Souza Souto diz o seguinte:

Considerando uma trajetória de lutas e resistências que quase equivale à idade da história nacional brasileira, se contarmos o tempo a partir da invasão colonial europeia até hoje, a cultura popular negra pode ser considerada como o exemplo mais expressivo de narrativa cultural insurgente que conhecemos. Sendo marcada por rupturas, descontinuidades, pela escassez e pelo estigma da diferença, a identidade negra está localizada nas margens sociais anteriormente mencionadas e, desta posição periférica, é essencialmente rica na criação de contra narrativas (De Souza Souto, 2020, p. 138).

Sendo assim, podemos afirmar que a resistência é uma característica fundamental presente na história de todos os cidadãos negros em situação diáspórica no Brasil. Para entendermos como se deu todo esse processo de luta pela própria cultura em um cenário de constantes tentativas de apagamento cultural, é importante que façamos um exercício de rememoração de nossa própria história enquanto brasileiros, indo ao encontro de uma instituição importantíssima para a história e cultura negras no Brasil: o quilombo. Para começarmos essa rememoração histórica, é preciso que nos atentemos ao que diz Beatriz Nascimento:

A primeira referência a quilombo que surge em documento oficial português data de 1559, mas somente em 1740, em 2 de dezembro, assustadas frente ao recrudescimento dos núcleos de população negra livres do domínio colonial, depois

das guerras do nordeste no século XVII, as autoridades portuguesas definem, ao seu modo, o que significa quilombo: "toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles" (Nascimento, 2006, p. 119).

Contudo, a instituição do quilombo acaba por passar por consideráveis transformações com o passar dos anos, partindo da noção apresentada acima para uma configuração de sociedade alternativa complexa, na qual os escravizados egressos do trabalho forçado ou fugidos da escravidão na casa de seus senhores compõem comunidades que desenvolvem sua própria economia, que acompanhava, inclusive, os ciclos econômicos do Brasil naquela época. Ademais, avançando mais um pouco na história, o quilombo ganha um caráter muito mais ideológico comparado à sua concepção anterior, uma vez que a fuga para o quilombo ganha um novo significado reacionário ao colonialismo, pois, fugir é o ato primeiro que os escravizados encontram para enfrentar ativamente a escravidão. Acerca disso, Beatriz Nascimento ainda comenta que

É no final do século XIX que o quilombo recebe o significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão. Sua mística vai alimentar o sonho de liberdade de milhares de escravos das plantações em São Paulo, mais das vezes através da retórica abolicionista (Nascimento, 2006, p. 122).

Essa mudança de instituição física para ideológica é o que vai impulsionar o desejo por liberdade e igualdade de direitos dentro das comunidades negras no Brasil. Nesse ínterim, os ideais levantados pelo quilombo através da história encontram um solo fértil nas diversas manifestações artísticas modernas, como a escrita e a música, desencadeando um processo no qual a herança africana na diáspora passa a ser pensada como parte da história e da cidadania. Além disso, Nascimento (2006) dialoga, por fim, que da mesma maneira na qual o quilombo servira como uma instituição reativa à máquina colonial durante o século XVIII, agora essa instituição passa a ser um código ideológico que serve de arma contra o colonialismo cultural e a segregação da herança cultural africana, reafirmando a importância da defesa das raízes dos cidadãos negros no Brasil. Adiante, discutiremos as manifestações artísticas derivadas da ideologia e da mística quilombola no campo da escrita e para isso nos debruçaremos sobre os conceitos de autoficção e de escrevivência, que são importantíssimos para o desenvolvimento desta discussão.

### 2.3 AUTOFICÇÃO E AS ESCRITAS DO EU

Dentro da resistência cultural negra nas esferas discursivas da arte, mais especificamente nos domínios da literatura, os conceitos de escrita de si aparecem como um mecanismo interessante de auto expressão e de se fazer ouvir para os grupos socialmente deixados à margem, como é o caso do negro no Brasil. Sendo assim, é de extrema importância que estejamos familiarizados com a concepção de escrita autoficcional e o seu papel na reafirmação de identidades no campo literário.

O conceito de autoficção, tradicionalmente falando, é a maneira como a crítica literária caracteriza as chamadas autobiografias ficcionais, isto é, as escritas literárias que buscam diluir as fronteiras da realidade do autor e da literatura de forma a conceber uma obra que abrace esses dois universos que, à primeira vista, parecem antagônicos. Nesse sentido, a autoficção foi originalmente criada pelo escritor francês Serge Doubrovsky com o lançamento de seu livro *Le Fils* (O filho). Desde então, há uma extensa discussão teórica a respeito da verdadeira natureza deste fenômeno literário que até os dias de hoje não possui um desfecho que consiga descrevê-lo com truísmo e, assim, faz com o que o percurso teórico dessa vertente dos estudos de literatura seja marcada por uma série de confusões e contradições conceituais e metodológicas.

É fato que a chamada autoficção compreende um campo de estudos literários bastante complexo e marcado por uma verdadeira indecisão conceitual e teórica. Nesse sentido, há uma certa dificuldade em se definir o que de fato é uma obra autoficcional, mesmo nos dias de hoje. Dessa forma, com o passar dos anos, diversos teóricos e estudiosos tentaram demarcar, com certeza, qual seria a definição do neologismo autoficção, fazendo, muitas vezes, com que ele caísse na vagueza de ser determinado como apenas uma “escrita de si” ou como uma prática literária na qual se mistura a realidade e a ficção. Entretanto, há mais especificidades dentro dessa modalidade de escrita do que pode-se pensar, como relata Anna Faedrich (2015) ao dizer que “afirmar que autoficção é o exercício literário em que o autor se transforma em personagem do seu romance, misturando realidade e ficção, é apenas um passo; condição necessária, mas não suficiente”.

Assim, conforme explicado pela autora acima, podemos observar que o movimento de misturar a realidade com a ficção é apenas um começo, um pequeno exercício necessário - mas não o único - para se compor uma obra autoficcional. Desse modo, para que possamos de fato entender o que acontece em um romance de autoficção, é importante que conheçamos o conceito de pacto de ambiguidade, característica proeminente dessa vertente romanesca, como exposto a seguir:

A ambiguidade criada textualmente na cabeça do leitor é característica fundamental de uma autoficção. Há um jogo de ambiguidade referencial (é ou não é o autor?) e de fatos (é verdade ou não? Aconteceu mesmo ou foi inventado?) estabelecido intencionalmente pelo autor. Não há dúvidas de que antes do neologismo autores já criavam esse pacto contraditório de leitura, sem ter um termo que o nomeasse; apesar de ser menos frequente no passado, o exercício autoficcional é anterior à sua formulação conceitual (Faedrich, 2015, p. 49).

Nessa perspectiva, as obras de caráter autoficcional utilizam dessa ambiguidade para provocar no leitor a dúvida e, assim, diluir as fronteiras entre a realidade e a ficção na recepção literária. Contudo, para a análise aqui proposta, é necessário marcarmos com precisão a partir de qual perspectiva da autoficção serão realizadas as nossas reflexões a respeito da obra. Sendo assim, iremos afunilar nosso olhar para as postulações acerca da autoficção feitas pelo estudioso francês Vincent Colonna.

Diferente da maneira como foi concebida em sua gênese, com Serge Doubrovsky, a autoficção de Colonna se apresenta como desvio das concepções formuladas até aquele momento sobre a “escrita do eu”. De maneira oposta ao pai da autoficção, Colonna (2004) defende que a autoficção não é algo estrita e forçosamente autobiográfico, de maneira que o homônimo do autor-narrador-personagem seria o ponto chave para a sua identificação, mas sim um fazer literário em que o autor se projeta dentro das situações imaginárias da narrativa como um reflexo translúcido e não como o centro evidente. Outrossim, para o estudioso francês, em uma obra autoficcional o autor transporta sua existência para dentro da narrativa de forma que o texto literário age como um reflexo moldado a partir de sua identidade, ignorando, assim, aspectos anteriormente tidos como essenciais, tais quais a verossimilhança e autobiografia. Doravante, Colonna (2004) ainda observa que a autoficção não é um fenômeno singular, como proposto em concepções anteriores a ele. Para ele, a escrita autoficcional pode apresentar quatro caminhos diferentes: fantástica, biográfica, especular e intrusiva. Nessa perspectiva, o autor define a fabulação de si mesmo da seguinte forma:

Todas as composições literárias onde um escritor se inscreve sob seu próprio nome (ou um derivado indubitável) em uma história que apresenta as características da ficção, seja por um conteúdo irreal, por uma conformação convencional (o romance, a comédia) ou por um contrato passado com o leitor (Colonna, 2004, p. 70-71)

Adiante, visando não nos perdermos no extenso turbilhão de ideias diferentes que constituem os estudos da autoficção através da história, estaremos apresentando a vertente idealizada pelo estudioso francês Vincent Colonna e as subdivisões elaboradas por este a fim de delimitarmos quais elementos autoficcionais serão utilizados em nossa análise posterior.

Segundo Colonna (2004 *apud* Faedrich , 2016, p. 40), a primeira das quatro posturas da autoficção é a chamada autoficção fantástica, na qual o autor transcreve sua própria identidade e experiências para a identidade do personagem principal da narrativa. Nessa vertente, a questão da ambiguidade é bastante forte, uma vez que autor e personagem mesclam-se de maneira profunda. Já a autoficção especular, segundo modelo proposto pelo autor, caracteriza-se da seguinte forma:

A autoficção especular relaciona-se com a metáfora do espelho, trata de um reflexo do autor ou do livro dentro do próprio livro. Nela, o realismo do texto, sua verossimilhança, torna-se elemento secundário, e o autor não se encontra necessariamente no centro do livro: “pode ser somente uma silhueta; o importante é que ele vem se colocar no canto de sua obra, que reflete, então, sua presença, como um espelho o faria” (Colonna, 2004, *apud* Faedrich, 2016, p. 41).

Adiante, quanto à terceira postura autoficcional, denominada de autoficção biográfica, Colonna (2004 *apud* Faedrich, 2016, p. 41) o autor é sempre o herói de sua própria história e ela é narrada com base em dados reais, ou seja, aqui há um maior cuidado com a verossimilhança na narrativa, na qual o leitor compreende de que se trata de uma distorção ficcional de dados provenientes da realidade. Por fim, o último modelo de autoficção é chamado de autoficção intrusiva e se apresenta da seguinte maneira:

A transformação do escritor não se dá por intermédio de um personagem, seu intérprete não pertence ao enredo propriamente dito. O avatar do escritor é um recitante, um contador de histórias ou um comentador, em suma, um “narrador -autor” na margem da intriga (Colonna, 2004, *apud* Faedrich, 2016, p. 41).

A partir desse breve percurso teórico e conceitual a respeito da autoficção, podemos aferir que os modelos apresentados de escrita de si funcionam como mecanismos discursivos para que seja possível contar a sua própria história na literatura. Assim, tangenciando essa discussão para os territórios da literatura negra, é notório como o ato de escrever o “eu” aparece em obras de autoria negra como forma de romper o estado de silenciamento destinado aos grupos discursiva e socialmente marginalizados em nossa sociedade. Entretanto, é importante conhecermos também como esse “eu” da experiência individual transborda para uma realidade coletiva e este será o tópico da próxima subseção deste trabalho.

## 2.4 ESCREVIVÊNCIA: UM COLETIVO DE VOZES NA LITERATURA

A escrevivência se apresenta como um termo elaborado pela linguista e escritora Conceição Evaristo de Brito e passou a ser um conceito de extrema influência nos estudos de literatura negra. Nesse sentido, para compreendermos melhor a escrevivência e suas complexidades, é necessário voltarmos nossa atenção ao que propõe a própria criadora dessa concepção:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (Evaristo, 2020, p. 30).

Dessa forma, compreende-se que, inicialmente, a escrevivência trata-se de um movimento de resgate do direito à fala por parte das mulheres negras, que historicamente sofrem com o silenciamento e a violência - física e simbólica - em todas as esferas de nossa sociedade. Além disso, há também a presença do caráter subversivo da linguagem, em que mulheres negras apropriam-se da escrita, arte do colonizador, para se fazerem ouvir e assim, promover um rompimento no status quo sem, claro, esquecer as próprias raízes africanas dos saberes orais, como afirma a própria autora quando diz que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 30). Outro caráter importante na discussão proposta por Evaristo (2020) é a questão da identificação do leitor e também do “eu”. A respeito disso, a autora afirma:

A maioria das personagens que construo se apresenta a partir de espaços de exclusão por vários motivos. Pessoas que experimentam condições de exclusão tendem a se identificar e a se comover com essas personagens. Um sujeito gay se vê nesse texto porque, também ele, vive essa experiência de exclusão. Um sujeito pobre tem a mesma identificação com uma personagem que vive a condição de pobreza. Uma mulher que se cumplicia com as outras se sensibiliza ao ler o conto “Maria” ou Insubmissas lágrimas de mulheres. Assim como a escritora ou o escritor ao inventar a sua escrita, pode deixar um pouco ou muito de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê, acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens (Evaristo, 2020, p. 32).

Nessa lógica, a escrevivência se preocupa em contar uma história que não pertence apenas a uma pessoa, pois nela refletem-se muitas outras realidades através da identificação que ocorre em cima de um “eu” deixado na narrativa pelo autor. Esse movimento faz com que a escrevivência criada por Conceição Evaristo se enquadre no campo autoficcional das escritas

de si, mas também transborde para algo muito maior do que esta categoria abriga, como ela mesma afirma em:

Como pensar a Escrivência em sua autonomia e em sua relação com os modelos de escrita do eu, autoficção, escrita memorialística... Ouso crer e propor que, apesar de semelhanças com os tipos de escrita citadas, a Escrivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado (Evaristo, 2020, p. 38).

Desse modo, ao realizar essa discussão a respeito de como a escrivência se encaixa quando colocada frente às escritas de si, Evaristo (2020), por meio da linguagem, subverte as noções de subjetividade na literatura ao propor que o escrever se distancia de uma escrita individualizada, pois não há o movimento simbólico de contemplar a si mesmo no espelho das águas de narciso, marcado pelo ego idealizado nas tradições de escrita eurocêntricas. Assim, a autora resgata esses conceitos sob uma ótica diferente ao relacionar a escrivência ao espelho de Oxum e Iemanjá, no qual resgata mais um vez a questão das raízes africanas em sua produção ao dizer que “Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos” (Evaristo, 2020, p. 38).

Adiante, a escrivência na produção literária de Conceição Evaristo se apresenta ao escrever personagens negras de uma maneira inédita em nossa literatura. Evaristo concebe personagens ficcionais de maneira humana, complexa e multidimensional, algo que o cânone da literatura brasileira falhou durante séculos em realizar se tratando de personagens negras. Sobre o aspecto da criação de suas personagens, Conceição afirma que

Uma das marcas dessas narrativas e de toda a minha obra é uma maneira de funcionalizar a comunidade negra de uma outra forma. É uma ficção que traz personagens talvez nunca construídos da forma que construo na Literatura Brasileira. Um exemplo dessa construção é a imagem que crio de um “marginal” no conto “Ana Davenga”. O personagem Davenga é um sujeito humano capaz de uma enorme atrocidade, mas é também capaz de viver uma bela e comovente história de amor (Evaristo, 2020, p. 40).

Sob esse viés da construção de personagens dentro da escrivência e tendo em mente a origem do termo elaborado por sua autora, é possível indagar qual o lugar do homem negro no ato de escrever, uma vez que essa prática literária parece estar voltada para as mulheres negras. Entretanto, apesar de haver uma disparidade considerável entre personagens femininas e masculinas na obra de Evaristo, observa-se como as personagens masculinas existentes são, além de bem escritas, importantes para a narrativa no seguinte excerto:

Mas, mesmo em quantidade menor, os poucos personagens homens que aparecem nas narrativas costumam ter papéis importantes no desenrolar da história. Davenga é belíssimo, mas Ana que é o prumo para ele; Davenga se humaniza, pela relação amorosa que eles vivem. Luandi José Vicêncio, irmão de Ponciá, é a personagem que resgata a história da Família Vicêncio. Negro Alírio, Bondade, Tio Totó são personagens centrais de Becos (Evaristo, 2020, p. 43).

Contudo, ao darmos enfoque à questão das personagens masculina dentro das obras constituintes da escrevivência também despertamos outra questão de extrema importância, desta vez, fora do plano ficcional, isto é, relacionada à produção escrita no ato de escrever: pode o homem negro escrever também? Para respondermos a esta importante pergunta, precisamos mais uma vez nos debruçarmos sobre as palavras da própria criadora do termo escrevivência:

No momento, me recorro de três nomes: Aidil Araújo Lima, com o livro *Mulheres Sagradas*. Ela tem uma linguagem muito cuidadosa, escolhendo as palavras para narrar o cotidiano, como se fosse em um trabalho artesanal. Eliana Alves Cruz, com o livro *Água de Barrela e suas memórias familiares*, que se confundem com as lembranças das famílias negras. E Jefferson Tenório, já inscrito na Literatura Brasileira com o *Beijo na Parede*. A obra, escrita com uma linguagem contundente, traz um personagem preso entre a miséria material e a procura de afetos (Evaristo, 2020, p. 44).

Nessa perspectiva, a partir do que diz a autora citada podemos inferir que o processo de escrever não está restrito apenas à autoria feminina, mas as todos os escritores negros que, através de sua literatura, resgatam as questões da identidade e da luta do negro em diáspora no Brasil. Além disso, dando enfoque ao terceiro nome mencionado por Conceição Evaristo, Jeferson Tenório, é possível afirmar que a escrita deste autor se encaixa dentro do projeto proposto para a escrevivência. Com essa informação em mente, podemos, agora, partir para um capítulo destinado à análise do romance “O Averso da Pele”.

### **3. É NECESSÁRIO PRESERVAR O AVESSE: ANALISANDO A RECONSTRUÇÃO DO MASCULINO NEGRO**

#### **3.1 APRESENTANDO O AUTOR E A OBRA**

O romance intitulado “O Averso da Pele” é uma obra de autoria do escritor, professor e pesquisador brasileiro Jeferson Tenório, que foi publicado em agosto de 2020 pela

Companhia das Letras e, posteriormente, venceu o prêmio Jabuti da Literatura como melhor romance. A obra conta, através da perspectiva do personagem Pedro, a história do protagonista Henrique, homem negro, pai e professor do ensino básico que tem sua vida tragicamente ceifada durante uma violenta abordagem policial. A partir desse infeliz acontecimento, Pedro revela, de maneira sensível, reflexiva e não linear, acontecimentos da vida de seu pai e de outras personagens importantes dentro da narrativa. Um aspecto de extrema importância na obra é a temática das relações raciais que a permeiam juntamente com outros temas como a violência policial, o racismo estrutural e o sentimento de abandono, todos abordados de forma a provocar não só o exercício da alteridade no leitor, mas também fazê-lo virá-lo do avesso por meio das variadas situações agonizantes representadas na trama. Ademais, cabe ressaltar as claras semelhanças - muito provavelmente intencionais - entre o protagonista do romance, Henrique e o seu autor, Jeferson Tenório, assim, faz-se necessária uma devida apresentação deste, destacando suas semelhanças com sua personagem, às quais aparecem no seguinte trecho retirado do site da Universidade Federal de Minas Gerais:

Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro, em 1977. Radicado em Porto Alegre, é graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e atua como professor de língua e literatura na rede pública de ensino de Porto Alegre. Em entrevistas o autor relata que o seu amor pela literatura surgiu depois dos 20. Hoje ele se orgulha de ter uma biblioteca em casa (UFMG, 2023).

A partir dessas informações de ordem biográfica do autor, podemos traçar paralelos interessantes com o romance. A princípio, podemos destacar o fato de que ambos os indivíduos - Tenório, o autor do romance e Henrique, personagem principal do romance - nasceram na cidade do Rio de Janeiro, mas foram radicados em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Além disso, ao adentrarmos um pouco mais na leitura do livro, descobrimos que, além da naturalidade compartilhada e do fato de ambos serem homens negros, eles também compartilham a mesma profissão no magistério, característica de extrema relevância na construção do protagonista na narrativa. Dessa forma, somos capazes de observar os traços de uma escrita autoficcional na obra, algo essencial para a análise aqui pretendida.

### 3.2 LENDO DO AVESSE: UMA ANÁLISE DE “O AVESSE DA PELE”

Em “O Avesse da Pele”, podemos observar a presença de uma escrita autoficcional como característica proeminente no romance. Nesse sentido, para darmos mais especificidade

à análise aqui proposta, estaremos trabalhando com o conceito de autoficção biográfica, na qual, segundo Colonna (2004 *apud* Faedrich, 2016, p. 41) o escritor torna-se o herói de sua história ao fabular, no romance, dados reais de suas próprias vivências. Dessa forma, compreende-se que o autor e o personagem mesclam-se de maneira profunda, fato que pode ser observado a partir de trechos como:

Sua mãe foi morar no Rio de Janeiro aos dezesseis anos, depois de ter brigado com a sua avó; ficaram mais de dez anos sem se falar. Então, quando o seu pai os abandonou, sua mãe não teve como continuar no Rio e teve que voltar para a casa da mãe (Tenório, 2020, p.95).

No breve trecho acima, fica clara a naturalidade compartilhada entre autor e personagem. Pois, assim como Tenório, o protagonista Henrique nasceu na cidade do Rio de Janeiro, mas teve que se mudar para outro estado devido ao abandono paterno. Tal fato nos leva também a mais um indicador da escrita autoficcional na obra, pois Henrique se muda para a cidade de Porto Alegre, local onde Jeferson Tenório foi radicado. Isso fica explícito na seguinte parte:

Quando você chegou a Porto Alegre, em meados dos anos mil novecentos e oitenta, não imaginou que aquela seria a sua cidade por toda a vida. Era inverno, e até então você nunca tinha sentido um frio daqueles, um frio de sair vapor da boca (Tenório, 2020, p. 94).

Dessa forma, a autoficção biográfica se faz presente a partir do momento em que constata-se que o autor está mesclando-se intencionalmente com seu protagonista, de forma que as fronteiras entre o real e o ficcional diluem-se durante a leitura. Além disso, outro ponto de convergência entre o criador e a sua criação se dá por meio da questão racial, fator essencial na construção da personagem, na qual o autor transcreve para o seu personagem a realidade de um homem negro vivendo na capital gaúcha.

Mas você não se chocou, pois uma espécie de inércia tomou conta do seu corpo, você não sabia reagir. Na época, você nem sabia muito bem o que significava ser negro. Não havia discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude, nada sobre nada. Naquele momento você era apenas um corpo negro (Tenório, 2020, p. 20-21).

O aspecto identitário da negritude transcrita de Jeferson Tenório para sua personagem constitui um eixo essencial para o romance, pois é a partir das vivências negras que a trama da obra se desenrola. Sob essa ótica, a questão da identidade negra é colocada dentro da criação artística de maneira autoficcional não por capricho, mas, como já foi afirmado por Dalcastagnè (2008), a literatura é o território no qual os indivíduos confinados no

silenciamento social encontram seu local de fala, assim, além da arte, predomina o ato de resistência no fazer literário. Ademais, indo adiante no romance, encontramos ainda mais um aspecto biográfico do autor, que se apresenta na profissão escolhida pelo personagem Henrique: o magistério.

Após alguns períodos e um vômito na camisa, você só quer ir para casa, tomar um banho e descansar. Mas você não pode fazer isso, porque tem mais dez períodos de cinquenta minutos pela frente. Você se transformou numa máquina de dar aulas. Numa máquina de dar explicações. Numa máquina de ei, já pedi silêncio. Numa máquina de ei, preste atenção. Uma máquina de não pode ir ao banheiro agora. Numa máquina de paciência para não espancar aqueles alunos que não querem saber nada de orações subordinadas (Tenório, 2020, p. 19).

Neste fragmento da obra, Tenório (2020) traduz para o seu protagonista a angústia que, infelizmente, faz parte da prática docente. A autoficção biográfica também se desdobra aqui pelo fato de que essa angústia não é completa ficção, mas sim algo vivenciado pelo autor durante seus anos de magistério nas escolas em que já atuou. Assim, tendo sido demarcada a presença dessa instância da escrita autoficcional, podemos prosseguir com nossa análise para os tópicos que se projetam a partir dessa escrita do eu. Doravante, voltemos nossos olhares para a masculinidade negra no romance, partindo, primeiro, dos momentos em que essa masculinidade é dilacerada por diferentes situações de violência. Observemos o seguinte recorte da obra:

Enquanto isso, a Juliana, por sua vez, era bombardeada pelas primas e amigas que nunca tiveram um namorado negro: e então, como ele é? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? É grande? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele? Juliana ficava incomodada mesmo querendo parecer natural (Tenório, 2020, p. 29-30).

No fragmento acima fica evidente a presença de estereótipos fetichistas acerca do corpo masculino negro. Essa visão constitui uma imagem pejorativa do homem negro enquanto animal sexual, parte do imaginário racista colonial. Contudo, apesar dessa construção de imagem falocêntrica do homem negro ser, de fato, algo destrutivo para a sua própria identidade, Bell Hooks (2019) afirma que, infelizmente, alguns homens negros ainda falham em conseguir criticar certos aspectos da cultura dominante sobre a masculinidade e acabam ficando presos a uma noção de identidade pautada no falocentrismo, como acontece também no trecho a seguir.

E não demorou muito para que aquela história de raça fosse para a cama junto com vocês. Pois a diferença de cor que antes era algo bonito, delicado e político, agora passou a excitá-los. Um conjunto de discursos raciais foi rapidamente transformado em erotismo. Vem, minha branquinha. Vem, meu negão. Chupa a tua branquinha. Chupa o teu nego. Adoro a tua pele branquinha. Adoro a tua pele, meu nego. Adoro tua boceta branca. Adoro teu pau preto. E de repente vocês gozavam. E dali para a frente será sempre assim que irão gozar (Tenório, 2020, p. 30-31).

Desse modo, os estereótipos sexuais falocêntricos passam a ser parte intrínseca do relacionamento do protagonista Henrique com a personagem Juliana, de forma que esse fator torna-se o eixo principal no qual as intimidades do casal tomam forma. Assim, o romance nos mostra de maneira explícita como as visões estereotipadas penetram de maneira profunda a vida do homem negro. Sendo assim, fica evidente que, nesse momento de sua vida, Henrique ainda não possui a criticidade necessária para ver através das constantes violências simbólicas que o atravessam. Isso pode ser uma consequência da ausência de uma figura paterna crítica e instrutiva em sua vida, já que o romance deixa claro que o pai desse personagem o abandonou na seguinte passagem:

Na verdade, você estava perdido, porque, até ali, a vida não passava de um amontoado de obstáculos que você tinha de superar. Resistir fazia parte da sua vida e você nunca havia se questionado por que as coisas eram assim. Nunca se questionou por que era pobre, nunca se questionou por que vivia sem pai. Nunca se perguntou por que a polícia o abordava na rua com tanta frequência (Tenório, 2020, p. 32).

Nesse viés, fica clara a situação de abandono parental vivenciada por Henrique, algo que o afeta em seu âmago em diversas esferas de sua vida. A ausência paterna contribui para os mais variados problemas enfrentados por esse personagem, tais como a ansiedade patológica, a aparente falta de discernimento a respeito de sua própria vida e a acriticidade no que se refere à violência racial sofrida por ele mesmo. A respeito disso, Hooks (2022), em seu livro intitulado “A gente é da hora”, aponta como a presença de uma figura paterna amorosa é benéfica e importante para o desenvolvimento das crianças negras - sobretudo os meninos -, pois é através de um cuidador parental amoroso que a visão dos filhos sobre quem são os homens negros e o que eles podem ser pode ser construída de uma maneira saudável e positiva. Tendo isso em vista, durante a leitura, nos deparamos com um personagem que vem a exercer, em certo grau, esse papel de exemplo masculino negro para Henrique, sendo esse o professor Oliveira, fato mostrado na seguinte passagem:

Mas, quando o professor Oliveira contou para sua turma sobre Malcolm X, quando vocês conversaram sobre Martin Luther King, quando pela primeira vez você ouviu a palavra “negritude”, o seu entendimento sobre a vida tomou outra dimensão, e

you se deu conta de que ser negro era mais grave do que imaginava. Foi com o professor Oliveira que você descobriu que as raças não existiam. Numa única aula você aprendeu que a raça era uma mentira. Que a sua cor era uma invenção cruel e orquestrada pelos europeus (Tenório, 2020, p. 33).

Apesar de o professor Oliveira não se apresentar como uma figura paterna propriamente dita, é ele quem desempenha a importante função de educar Henrique a respeito das questões referentes à negritude. Além disso, nesse momento da narrativa podemos resgatar a concepção de quilombo enquanto uma instituição ideológica contra o racismo, uma vez que os ensinamentos servem como uma forma de educar outras pessoas negras para que elas possam resistir ao colonialismo cultural e ao racismo que impregna a sociedade. A função de educador desenvolvida pelo professor Oliveira ao fornecer acesso ao conhecimento para Henrique e muitos outros indivíduos é um exemplo do que Hooks (2022) qualifica como uma ponte entre a educação e o desenvolvimento da consciência e do pensamento críticos, algo de extrema importância para a formação de homens negros antipatriarcais. Entretanto, sabe ainda observarmos o impacto desses ensinamentos no protagonista e os conflitos gerados por ele, isso pode ser visto no seguinte trecho:

Ela estava magoada com o que você tinha dito dos tios. Eles não são racistas, só não estudaram o que você estudou. Mas, quando vocês estavam no ônibus, voltando para Porto Alegre, Juliana disse que estava triste com seu jeito, que você tinha mudado e que já não sabia brincar. Agora você levava tudo muito a sério. Agora para você tudo era racismo. Você não era assim. Será que não podemos ser como antes? (Tenório, 2020, p. 35).

Feita a leitura do excerto acima, fica evidente que o novo posicionamento crítico de Henrique enquanto homem negro passa a gerar conflitos no relacionamento com sua namorada, que começa a enxergá-lo com alguém agressivo que “acha que tudo é racismo”. Para Hooks (2022), homens negros inteligentes só são aceitos se conseguirem se provar obedientes e manter a boca fechada frente à branquitude, ou seja, aqueles que desejam expressar suas visões e serem ouvidos são frequentemente colocados no lugar de encrenqueiros e criadores de confusão. Isso acontece pelo fato de que homens negros instruídos e portadores de posicionamentos críticos representam uma ameaça gritante ao sistema racista.

Dessa maneira, podemos começar a enxergar o movimento de reconstrução da masculinidade negra desenvolvido na narrativa de Tenório, na qual o despertar crítico de Henrique, proporcionado pelos ensinamentos do professor Oliveira, serve de ponto de partida. A partir dessa tomada de consciência, Henrique passa a enxergar o viés racista presente na

forma em que era tratado no relacionamento com Juliana, tanto pela própria quanto pela sua família. Assim, o momento de conflito que se encarrega de pôr um fim ao relacionamento dos dois é o seguinte:

Ela te chamou de meu nego. Num rompante, você a proibiu de chamá-lo assim. Não sou teu negro. Não sou teu preto. Meu nome é Henrique. Juliana pediu para você não gritar, disse que não precisava fazer escândalo. Acontece que você já não se importava com o que iam pensar de vocês (Tenório, 2020, p. 35).

Esse momento narrativo marca um rompimento por parte de Henrique com uma relação que era responsável por dilacerar sua masculinidade, uma vez que suas relações com Juliana eram construídas com base em estereótipos raciais de ordem falocêntrica e danosa. Além disso, após essa parte do romance, é perceptível a evolução do protagonista no que concerne a sua própria percepção de identidade como homem negro, o que irá impactar diretamente seu estilo de paternidade, tema importante para a nossa análise. No que se refere à paternidade em “O Averso da Pele”, observemos o seguinte excerto:

Você sempre dizia que os negros tinham de lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava. É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos (Tenório, 2020, p. 61).

Nesse trecho, podemos observar que a atitude de Henrique em preparar seu filho para viver numa sociedade racista e incentivá-lo a ver o mundo de forma crítica resgata o que Hooks (2022) afirma quando diz que meninos negros precisam de homens que sejam modelos para eles, de forma que os ensinem a subverter o patriarcado racista sem machucar a alma, assim, confrontando o sistema para criar autoconceitos de masculinidade saudáveis. Nesse sentido, é perceptível a similaridade entre os discursos de Henrique e de Bell Hooks, nos quais ambos apontam a importância de preservar a subjetividade que há abaixo da superfície humana, representada pelos termos “avesso” e “alma”. Vale destacar ainda a presença do afeto paterno de Henrique nos ensinamentos passados ao seu filho, fato que pode ser observado quando o próprio Pedro narra o seguinte: “Lembro que você fazia um grande esforço para ser entendido por mim. Eu era pequeno e talvez não tenha compreendido bem o que você queria dizer, mas, a julgar pela água nos seus olhos, me pareceu importante.” (Tenório, 2020, p. 61).

Outrossim, o esforço de Henrique em se fazer de exemplo para seu filho e ensiná-lo a ver o mundo de maneira crítica, reflexiva e lutar pelos seus direitos pode estar relacionado ao fato de que ele próprio não teve, em seu crescimento, uma figura paterna para guiá-lo e ensiná-lo sobre as dificuldades de ser um homem negro. Desse modo, a questão do abandono paterno toma forma novamente, manifestando-se através da notícia do falecimento do pai de Henrique, fato que não parece o abalar tanto, denotando, assim, o distanciamento entre o protagonista e o seu pai. Essa situação aparece em: “Um dia você recebeu a notícia da morte do seu pai. Mas você não sabia bem como reagir. Pois você não conviveu com ele. Seu pai sempre foi um completo estranho.” (Tenório, 2020, p. 68).

Seguidamente, podemos ver, através da narração de Pedro, como o abandono paterno exerceu consequências dolorosas na infância de Henrique, pois, este teve que crescer e tentar se encaixar em um mundo hostil à sua presença sem o apoio de um pai. A respeito disso, o romance retrata o seguinte:

Você tinha um ano de idade quando seu pai sumiu no mundo. Sua mãe se viu obrigada a dar um jeito. E você cresceu vendo a sua mãe dar um jeito nas coisas. Não havia tempo para lamentações. Aos quatro anos de idade você ainda não sabia o que era superação e que essa seria uma condição permanente de sobrevivência. Anos a fio, suportar a pobreza, o racismo e a ausência paterna foi uma espécie de sinônimo da vida (Tenório, 2020, p. 69).

Sobre essa realidade, Hooks (2022) estabelece que uma das explicações para o fato de que muitos homens negros não querem exercer a função de pai para seus filhos está relacionada à incapacidade de curar a própria ferida criada por um abandono similar na infância. Sendo assim, tem-se um ciclo de abandono que gera consequências terríveis na vida das crianças - sobretudo, dos meninos, que ficam sem acesso a um modelo masculino paterno -, assim, perpetua-se uma realidade de masculinidades dilaceradas desde a primeira infância. Ainda nesse viés, uma das principais consequências do abandono paterno na vida desses meninos e, por consequência, da falta de um modelo masculino na família, é a tendência dos meninos negros a não expressarem seus sentimentos, o que alimenta ainda mais a masculinidade patriarcal. Isso também é exposto na narrativa:

Você ri, pois sua mãe tinha um jeito engraçado de falar essas coisas. E em breve você se dará conta de que rir não será uma tarefa muito fácil. Chorar também não é uma ação que você poderá exercer com frequência. Muito cedo aprenderá que o seu pranto vai enfraquecer sua mãe. Então você vai evitar. Vai chorar para dentro. Você e sua mãe viverão numa espécie de solidão mútua (Tenório, 2020, p. 69).

De tal forma, a masculinidade de meninos que vivenciam o abandono por parte do pai encontra-se em uma posição de risco. Pois, sem a presença de um pai - biológico ou não -, garotos negros são suscetíveis a se fecharem para o mundo e adentrarem em conceitos patriarcais e nocivos de masculinidade baseada em estereótipos criados pela branquitude, algo que Bell Hooks expõe quando afirma que “Como todos os homens, os homens negros na cultura patriarcal não foram criados para revelar sua intimidade.” (Hooks, 2022, p. 174). No romance, além de vermos o impacto da ausência paterna na personalidade de Henrique, também presenciamos, de uma maneira diferente, o abandono se instaurando na vivência de Pedro, como mostrado a seguir:

Você parecia um fugitivo. Você era um fugitivo. Era uma noite triste. Pois estava indo embora e não ia mais voltar. A partir dali, tudo que aconteceu na vida de vocês resultou num repertório de mágoas. Numa separação ninguém vence, mas vocês não sabiam disso (Tenório, 2020, p. 124).

Apesar de Henrique, de certa forma, também abandonar seu filho ao deixar o núcleo familiar por decorrência de seu relacionamento tóxico com Martha, mãe do narrador, ele não desaparece completamente da vida de Pedro, ainda estando presente em diversas situações nas quais tenta, acima de tudo, preparar o menino para a vida que o espera. Na verdade, por decorrência do conflito da separação, é Martha quem inicialmente constrói as barreiras entre pai e filho ao impor empecilhos no que se refere a participação de Henrique na vida de Pedro. Isso pode ser observado em:

Então, nos meses seguintes, minha mãe impôs uma série de barreiras para te impedir de me ver. Ela queria te punir de alguma forma por você não ter aguentado o tranco. Por ter sido um covarde, por ter deixado que o amor de vocês caísse numa vala, por ela ter feito de tudo pelo casamento e você, com a sua apatia, ter desistido de tudo, desistido daquele amor que ela estava disposta a continuar oferecendo (Tenório, 2020, p. 124).

Acerca dessa questão, Hooks (2022) argumenta que em casos como o que foi narrado acima, mulheres negras que foram deixadas sozinhas na criação dos filhos tendem a construir barreiras, afastando os pais ausentes de seus filhos por acharem que eles não mais tem relevância na vida das crianças. Entretanto, é preciso ressaltar, novamente, que a situação de Henrique se distancia um pouco do conceito de abandono discutido pela autora, uma vez que ele ainda quer se fazer presente na vida de Pedro, mesmo que existam algumas dificuldades afetivas nesse processo. Assim, um dos pontos principais que marcam o estilo parental de

Henrique e também a maneira como ele se relaciona com seu filho na maioria das vezes é o ensino, como, por exemplo em:

Quando você passava semanas sem me procurar, quando estavam separados, e, na época, eu não entendia que isso acontecia também para não ter que se incomodar com minha mãe, ou quando você queria me ensinar certas coisas cedo demais, como, por exemplo, no dia em que você me perguntou que cor eu tinha e foi a primeira vez que eu olhei para os meus braços e vi que tínhamos quase a mesma cor, eu era pequeno, mas eu disse que não sabia que cor era aquela. E você me disse que eu era negro (Tenório, 2020, p. 125).

O ensino se apresenta como uma característica de extrema relevância no romance, seja na construção no perfil do protagonista, na relação dele com Pedro ou na forma como ele molda as masculinidades desses dois personagens. Ademais, o fato de Henrique ser um professor - tanto para seus alunos quanto para seu próprio filho - também serve como mais um ponto em que a autoficção se manifesta na narrativa, uma vez que as angústias e fazeres docentes que definem a masculinidade de Henrique são provenientes das experiências do autor. Para exemplificar essa afirmação, observemos o seguinte recorte do romance:

Na verdade, após anos de magistério, a escola transformou você num indiferente. Com o passar do tempo o desencanto tomou conta da sua vida. A escola e os anos de prática docente te transformaram num operário. Anos e anos acreditando que você estava fazendo algo de significativo, mas vieram outros anos e anos e soterraram suas expectativas. A precariedade da escola venceu, e você estava cansado (Tenório, 2020, p. 132).

Aqui mais uma vez constata-se a presença da autoficção, pois a forma como o narrador descreve a angústia constituinte do fazer docente claramente partem do lugar da experiência, uma experiência vinda de fora do romance, diretamente do autor. Além disso, é importante analisar a questão da docência não só enquanto uma marca da autoficção presente na escrita de Tenório, mas também pela sua importância no processo de reconstrução da masculinidade negra no romance. Sobre isso, nos atentemos ao seguinte excerto:

Agora a maioria dos alunos eram adolescentes que não deram certo no turno do dia. São os refugos. Os que não se enquadram. Os repetentes. Os que ninguém quer por perto. Os mal-educados. Todos colocados numa sala. Todos com uma enorme tarja na testa: os fracassados, você pensava. Tratava-se, portanto, de uma bomba-relógio, pois, ao se verem na mesma sala, eles se reconheciam como fracassados e já sabiam por que estavam juntos. Ora, ora, vejam só: somos os piores na mesma sala. Agora eles vão ver como somos os piores mesmo (Tenório, 2020, p. 133).

No que tange a questão da docência de Henrique, podemos observar que o espaço no qual o protagonista deve exercer sua função está repleto de diferentes masculinidades. Perfis

de jovens que são categorizados como fracassados, ou, nas próprias palavras do narrador “os piores”. Hooks (2022) dialoga que na perspectiva do patriarcado branco, homens negros são sempre rotulados como indivíduos desprovidos de intelecto ou simplesmente idiotas que são mais corpo do que mente. Essa concepção estereotipada proveniente do patriarcado racista e colonial serve como um mecanismo de destruição das masculinidades negras por meio do ataque à autoestima desses indivíduos. Nesse sentido, é premente analisarmos como Henrique lida com esse ambiente e como suas ações no romance impactam a masculinidade negra.

Então, no fim de uma aula, um aluno chamado Peterson foi falar com você. Queria saber qual era o castigo que Raskólnikov teria por cometer aqueles crimes. Peterson morava com dois irmãos, os pais morreram e quem sustentava a casa era o mais velho. Peterson ainda estava na escola por um milagre. Há muitas formas e motivos para desistir da escola. Peterson era negro, tinha dezessete anos. Não conseguia emprego porque tinha que se alistar no Exército. Você agora precisava tomar cuidado com o que ia dizer (Tenório, 2020, p. 168).

A atitude de Henrique em apresentar a obra “Crime e Castigo” para seus alunos acaba por romper com um cenário no qual esses jovens eram subestimados e enxergados apenas como problemáticos. Através da literatura e de uma aula centrada em uma pedagogia sensível, Henrique consegue alcançar os alunos, em especial, Peterson, um garoto negro que ainda frequenta a escola mesmo vivendo em um contexto de violência e dificuldades. Nesse contexto, é relevante citarmos que Hooks (2022) afirma que o sistema educacional não apenas falha em educar negros pobres, mas sente satisfação em vê-los falhar. Tal ideia se confirma no universo ficcional de Tenório, uma vez que alunos como Peterson, portadores de potencial para aprender e questionar são colocados em locais destinados aos garotos-problema da escola.

Nos encaminhando para o final do romance, após a morte de Henrique, em seu enterro, fica claro como essa docência foi importante para outros jovens negros além de Peterson. Isso é expresso pela fala de um personagem não nomeado:

Mas um rapaz jovem, negro, que se identificou como ex-aluno, pediu para falar: eu queria começar dizendo que eu conheci o professor Henrique Nunes na sétima série, eu tinha doze anos. E não tenho como medir tudo que ele fez por mim, tudo que ele fez por inúmeros alunos, tudo que ele me ensinou. Estou arrependido de não ter dito isso a ele. Quero dizer também que o professor Henrique Nunes não morreu por mera circunstância da vida, morreu porque era alvo de uma política de Estado. Uma política que persegue e mata homens negros e mulheres negras há séculos (Tenório, 2020, p. 179-180).

Além disso, o processo de reconstrução da masculinidade negra acontece também com Pedro, que, ao investigar e contar a história de seu pai, consegue também compreender melhor a sua própria identidade como homem negro e rememorar os ensinamentos e afetos de Henrique. Esse movimento de rememoração nos mostra as diferentes facetas de Henrique o seu impacto na forma como o romance desenvolve o homem negro. Isso fica expresso em:

A sua obra foram seus alunos, mesmo aqueles que nem se lembram de você. Sua obra foram as suas aulas tristes. Suas aulas sérias, suas aulas apaixonadas. Eu queria ter morado num pensamento teu. Como uma forma de amor. Um amor entre pais e filhos. Um amor intelectual, silencioso e delicado. Mas eu tenho a morte de um pai ainda muito próxima. Acho que inventei uma memória sobre você sem a distância e a maturidade necessárias (Tenório, 2020, p. 184).

Portanto, a história de Henrique, durante todo o romance, traz à tona uma série de perspectivas sobre a masculinidade negra na contemporaneidade. Em “O Averso da Pele”, o protagonista é escrito através das experiências próprias do autor, caracterizando, assim, uma escrita autoficcional. No entanto, ao apresentar um personagem de tamanha profundidade, atravessado por diversas situações nas quais a sociedade patriarcal e racista não mede esforços para dilacerar sua identidade enquanto homem negro, o romance leva Henrique em um movimento de reconstrução da própria masculinidade e também da visão de outros personagens acerca do que é ser um homem negro. Desse modo, a masculinidade do afeto, do ensinamento e da criticidade perduram sobre o abandono, reconstruindo, assim, a imagem do homem negro na literatura contemporânea. Por fim, todo esse processo acaba por transbordar das fronteiras do “eu”, ou seja, a escrita de uma realidade inicialmente autoficcional, ou seja, individual, conecta-se com a escrevivência, um coletivo de várias identidades masculinas negras, experiências e subjetividades, tal qual descreve Evaristo (2020), ao dialogar que a escrevivência traz à tona a experiência e a vivência particularizadas para construir um coletivo de vozes em uníssono.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise realizada sobre a construção da masculinidade negra em "O Averso da Pele", é possível concluir que a obra de Jeferson Tenório oferece uma representação profunda e complexa das experiências vividas pelos homens negros na sociedade brasileira contemporânea. Ao longo da narrativa, acompanhamos como Tenório, por meio de uma

escrita autoficcional, se transcreve no protagonista em diversos momentos, realizando um movimento de reconstrução identitária e confrontando estereótipos raciais e patriarcais que há muito tempo dilaceram as identidades e subjetividades da população negra.

Um aspecto central abordado no romance é o impacto do abandono paterno na formação de Henrique, evidenciando as consequências dolorosas desse trauma na sua relação com a masculinidade e na maneira como ele se posiciona no mundo. A ausência paterna não apenas o privou de um modelo positivo de masculinidade, mas também o expôs a uma série de desafios e dificuldades que moldaram sua visão de si mesmo e do mundo ao seu redor. Além disso, a figura de Henrique como professor e sua relação com a educação - outro aspecto no qual o autor se transcreve para o romance - emergem como elementos fundamentais na reconstrução da masculinidade negra na narrativa. Por meio do ensino, Henrique busca empoderar seus alunos, especialmente os jovens negros marginalizados, oferecendo-lhes ferramentas para questionar e desafiar as estruturas de opressão que permeiam suas vidas.

Outro ponto relevante é a forma como "O Averso da Pele" aborda a interseção entre raça, gênero e classe social na experiência da masculinidade negra. A obra revela as complexidades e contradições enfrentadas pelos homens negros, que se veem constantemente lutando contra estereótipos e preconceitos enquanto buscam afirmar sua identidade e sua humanidade em uma sociedade que muitas vezes os marginaliza e invisibiliza. Por fim, ao examinar as representações literárias da masculinidade negra em "O Averso da Pele", é possível afirmar que a obra de Jeferson Tenório propõe um movimento de resgate à imagem do homem negro através da literatura, no qual o autor, transcrevendo-se para dentro de sua obra na figura do protagonista, consegue utilizar de suas vivências para constituir uma personagem multidimensional que rompe com estereótipos racistas e, ao transbordar as fronteiras do "eu", encontra, na escrevivência, um coletivo de masculinidades que compartilham entre si as mesmas vicissitudes.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ARAÚJO, Joel Zito. **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira**. Revista Estudos Feministas, v. 16, p. 979-985, 2008.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Estudos de teoria e história literária. 7.ed. São Paulo: 2006.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. **Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate**. Revista Estudos Feministas, v. 25, p. 73-97, 2017.

CUTI, Luiz Silva. **Conluio das perdas**. Opiniões, n. 10, p. 137-140, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 31, p. 87-110, 2008.

DE ALENCAR, José Martiniano; PROENÇA, Manoel Cavalcanti. **O tronco do ipê**. LER, 1938.

DE ALENCAR, José Martiniano. **Cartas a favor da escravidão**. hedra, 2008.

DE ASSIS DUARTE, Eduardo. **O negro na literatura brasileira**. Navegações, v. 6, n. 2, p. 146-153, 2013.

DE OLIVEIRA SANTOS, James Rios; BOTOSO, Altamir. **Autores brancos, personagens negros e a literatura da branquitude**. Em Tese, v. 24, n. 3, p. 215-235.

DE SOUZA SOUTO, Stéfane Silva. **Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea**. Metamorfose, v. 4, n. 4, 2020.

DOMINGUES, Petrônio. **O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930)**. Diálogos latinoamericanos, n. 10, p. 0, 2005.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, v. 1, p. 26-46, 2020.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, p. 132-142, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FAEDRICH, Anna. **Autoficção: um percurso teórico**. Revista Criação & Crítica, n. 17, p. 30-46, 2016.

FAEDRICH, Anna. **O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea**. ITINERÁRIOS–Revista de Literatura, 2015.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. **O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 20, p. 119-125, 2004.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Editora Elefante, 2019.

LORDE, Audre et al. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

MÜLLER, Tânia MP; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. Revista Afrodiáspora, v. 3, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Diversidade e pluralidade: o negro na sociedade brasileira**. Revista USP, n. 89, p. 285-291, 2011.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **Literatura brasileira confessional: uma leitura de memórias marginais**. SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA–SILEL, v. 14, n. 20, p. 1-10, 2011.

PINHO, Osmundo. **Qual é a identidade do homem negro**. Democracia viva, v. 22, p. 64-69, 2004.

RAMOS, Lázaro et al. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. Editora Elefante, 2022.

REIS, Maria Firmina.. **“A escrava”**. In: Úrsula: romance; A escrava: conto. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.. 01. PUC MINAS. 2017

SANDER, Lucia. **O caráter confessional da literatura de mulheres (um estudo de caso ou um caso em estudo)**. Organon, v. 16, n. 16, 1989.

TENÓRIO, Jeferson. **O Averso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). **Jeferson Tenório**. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/1239-jeferson-tenorio>. Acesso em: [22/03/2024].

ZAHRA, Lidiane Confessor de Cerqueira et al. **Simeão, o crioulo e A Escrava Isaura: o negro no romantismo brasileiro**. 2015.